
Resultados da intervenção no sítio arqueológico de Barradas (Odiáxere, Lagos)

ANTÓNIO SILVA¹
RICARDO COSTEIRA DA SILVA²

R E S U M O Este artigo apresenta os resultados da intervenção arqueológica do sítio de Barradas (Odiáxere, Lagos, Portugal). Os vestígios de um assentamento do Neolítico Final/Calcolítico e de uma provável necrópole romana foram fortemente perturbados pela construção de uma quinta no período islâmico (séculos IX-XI) neste mesmo local. Escavaram-se mais de trinta estruturas em negativo (silos, fornos de cerâmica, etc.) datando deste período, cujos enchiamentos revelaram um espólio cerâmico variado e abundante, geralmente bem conservado. A elaboração de um sistema de informação geográfica, onde se cruzam os dados proporcionados pela escavação com os dados obtidos através de uma prospecção de superfície em quadrícula, permitiu uma melhor compreensão do sítio, à partida diminuída pelo péssimo estado.

R E S U M É Cet article présente les résultats de la fouille du site archéologique de Barradas (Odiáxere, Lagos, Faro, Portugal). Les vestiges d'un habitat du Néolithique final/Chalcolithique et d'une probable nécropole la période romaine ont été fortement perturbés par la construction d'une ferme pendant la période islamique (siècles IX-XI). On a ainsi fouillé une trentaine de structures en négatif (silos à blé, fours de potier, etc.) datant de cette époque, où se conservaient de nombreuses céramiques, généralement en très bon état de conservation. L'élaboration d'un système d'information géographique, où l'on croise les données de la fouille avec les données d'une prospection de surface en carroyage, a permis d'élargir la compréhension du site, grandement difficulté par l'ampleur de la destruction des structures superficielles.

1. Introdução

Este artigo apresenta os resultados da intervenção arqueológica do arqueossítio de Barradas. Esta estação, localizada em pleno Barrocal Algarvio, no traçado do IC4, Lanço Lagos-Lagoa, foi objecto de trabalhos arqueológicos de salvamento em 2002³, tendo sido anteriormente iden-

tificada por João Caninas, no quadro do acompanhamento arqueológico do empreendimento. A intervenção, cujos resultados se apresentam de seguida, revelou num mesmo espaço ocupações do Neolítico Final/Calcolítico, do período romano, bem como do período emiral/califal, sendo esse o período cronológico que foi possível melhor documentar.

A intervenção consistiu na realização de uma prospecção de superfície em quadrícula em toda a área abrangida pelo sítio dentro do traçado da via, cujos resultados indicaram a existência de alguns possíveis elementos murais e de estruturas em negativo. Estas últimas foram objecto de duas campanhas de sondagens arqueológicas, que revelaram o avançado estado de degradação das estruturas murais, bem como a inexistência de contextos estratigráficos associados. As fossas apresentavam pelo contrário um óptimo estado de conservação e um enchimento rico em elementos artefactuais. Uma vez entendida a natureza, o estado de conservação e o contexto pedológico dos vestígios descobertos, efectuou-se uma decapagem mecânica dos níveis superficiais do terreno, de forma a revelar outras fossas ainda não detectadas, que foram de seguida objecto de intervenção.

O elevado volume da informação recolhida durante os trabalhos de campo, bem como o seu carácter díspar e segmentário levou a integrá-la num Sistema de Informação Geográfica Intra-Sítio. Esta ferramenta informática permitiu cruzar informação de natureza topográfica, com os dados recolhidos nos trabalhos de escavação e os dados obtidos através da prospecção de superfície. Mais do que um meio de diagnóstico de apoio à escavação, a prospecção revelou-se ser um meio de análise de primeira ordem, uma vez que revelou dados cruciais para o conhecimento da diacronia da ocupação do sítio e para o conhecimento da organização espacial do assentamento islâmico.

2. Enquadramento geográfico

Esta estação arqueológica situa-se no lugar dito “Barradas” ou “Atanouca”, na freguesia de Odiáxere, concelho de Lagos, distrito de Faro, distando apenas poucos quilómetros do litoral algarvio (Fig. 1). Do ponto de vista geomorfológico, este arqueossítio insere-se no chamado “Barrocal”, espaço intermédio entre a Serra e o Litoral, de substrato calcário (margas e arenitos ou grés), do Jurássico e Cretácico de formação Secundária ou Mesozóica. As chamadas “terras rosas”, originadas pela dissolução dos calcários, irrigadas por uma densa rede hidrográfica, são relativamente férteis (Gomes, 2002, p. 56).

O sítio encontra-se implantado no topo de uma extensa plataforma (40 m), voltada a norte, sobranceira à confluência da ribeira de João Martins com a ribeira de Arão (Foto 1). A altimetria da zona varia entre 5 e 100 m.

A área em estudo encontra-se delimitada a norte e a poente por uma “cordilheira” de relevos acentuados onde predomina a floresta de eucaliptos e pinheiros. A sul e a nascente (em direcção à baía de Lagos), assim como nos territórios imediatamente envolventes, o povoamento é disperso e de tipo rural, observando-se apenas algumas vivendas espaçadas, contando com algumas parcelas de terra convertidas em pequenas hortas e algumas explorações pecuárias, nomeadamente a criação extensiva de gado bovino. Do ponto de vista agrícola assiste-se ao predomínio da produção frutícola, nomeadamente da laranja, da tangerina, da amêndoa e do figo.

A nível geológico, o projecto de execução mostra-nos que esta estação assenta sobre margas argilosas, que se encontram certamente na origem do topónimo Barradas, calcários com-

pactos e rochas basálticas que entram em contacto cerca de 1 km a sul com grés argilosos, por vezes margosos e a aproximadamente 400 m a norte com depósitos areno-siltosos e silto-arenosos com seixos e calhaus dispersos bem como depósitos aluviais, correspondentes à ribeira de Arão.

A coordenada geográfica média da área de estudo (CMP n.º 593 - Bensafrim (Lagos), SCE, 2.ª edição, 1978) é de:

$$x = 8^{\circ}39'2,3'' \text{ W} \quad y = 37^{\circ}10'19,1'' \text{ N} \quad z = 40-43 \text{ m}$$

(meridiano de Greenwich; datum europeu 1950; elipsóide internacional)

3. Enquadramento arqueológico

A riqueza e a diversidade dos recursos naturais disponíveis na região favoreceram desde cedo a instalação de comunidades humanas (Gomes, 2002, p. 53). Como se verifica de resto em todo o Algarve, o povoamento da região inicia-se no Paleolítico, mantendo-se denso até hoje. O seu relativo afastamento em relação à frente litoral de crescimento urbanístico e o seu aproveitamento predominantemente agrícola contribuiriam decisivamente para a conservação de um grande número de sítios arqueológicos até aos nossos dias.

O EIA (Amb e Veritas, 2000) localiza mais 6 sítios nas imediações do arqueossítio em estudo (Fig. 1):

Descampadinho – situa-se a cerca de 1000 m para sul, sendo classificado no EIA como “local de interesse patrimonial”. Trata-se de uma necrópole de incineração e inumação datada do período romano, onde foram detectados *terra sigillata*, cerâmica comum, vidros e uma moeda de Honório.

Peganheira – situada a cerca de 1300 m para poente, é classificada no EIA como “local de interesse patrimonial”, mas sobre esta apenas temos conhecimento do aparecimento de cerâmica romana.

Monte Alto - está a cerca de 800 m para oeste e é classificado no EIA como “local de interesse patrimonial”. Está situado no eixo da via tendo apenas sido recolhida cerâmica romana à superfície.

Vale do Marinho 1 - situa-se a cerca de 1700 m para noroeste e é igualmente classificado no EIA como “local de interesse patrimonial”. Trata-se de um lagar romano ou medieval escavado na rocha.

Vale do Marinho 2 - está a aproximadamente 2500 m para noroeste e também se encontra classificada no EIA como “local de interesse patrimonial”. É identificada como sepultura romana ou medieval escavada na rocha.

Mesquita - situa-se a 2200 m para sudoeste e está classificada no EIA como “local de interesse patrimonial”, onde surgem vestígios romanos que possivelmente correspondem a um moinho de água.

Já durante a fase de obras, J. C. Caninas identificou um menir de calcário no lugar dito “Pedra Branca”, menos de 1 km para poente do sítio em análise, no quadro do acompanhamento arqueológico do empreendimento.

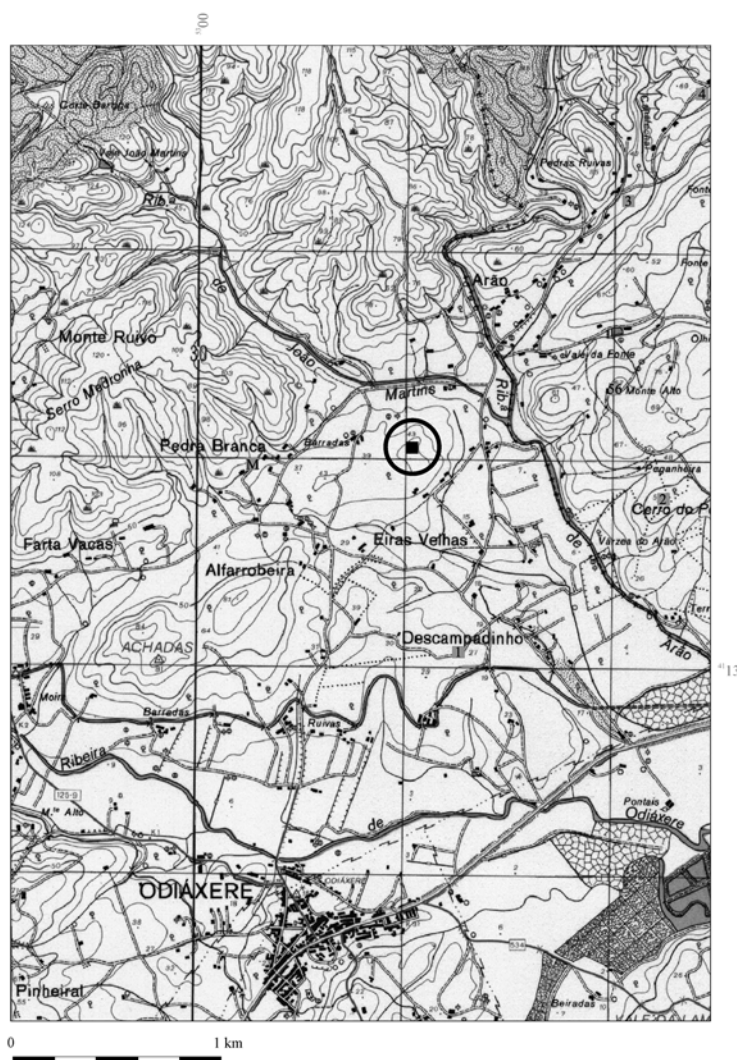


Fig. 1 Enquadramento de Barradas na Carta Militar de Portugal. Base cartográfica: CMP à escala 1/25 000, folha 593 – Bensafrim (Lagos), I.G.E., 2.ª edição, 1978. Projecção UTM, datum Europeu, Elipsóide Internacional. Localização dos sítios detectados no quadro do EIA (segundo cartografia do EIA): 1 - Descampadinho; 2 - Peganhêira; 3 - Vale do Marinho 1; 4 - Vale de Marinho 2; 5-6 - Monte Alto; M - Menir.

4. Metodologia: estratégia e processo

4.1. Malha de estudo

A malha usada neste estudo (Fig. 2), ocupando uma área total de 0,49 ha, foi orientada pelo eixo da via, por uma questão de comodidade, desviando-se por este motivo cerca de 37° para E do norte geográfico.

O sistema de referência local usado neste estudo foi pensado de modo a facilitar o tratamento informático dos dados no quadro do sistema de informação geográfico intra-sítio que referiremos mais à frente. A malha é assim constituída pelos sectores A, B, C e D. Cada sector é constituído por quadrados de 5 x 5 m, organizados em filas paralelas ao eixo S/N. A referência local nesta malha recorre ao trinome: sector (A-D), n.º de fila (de 1 a 10, que cresce de O para E), n.º de

A prospecção de superfície consiste na busca de indicadores da presença ou da actividade antrópica, sem o recurso a outros meios além dos olhos e das pernas do prospectador, distinguindo-se assim da prospecção geofísica. Este método baseia-se no pressuposto de existir uma relação directa entre concentrações de materiais antrópicos observados à superfície e a existência de vestígios arqueológicos soterrados. Este facto deve-se à degradação de depósitos/estruturas arqueológicas enterrados a pouca profundidade pela acção de maquinaria agrícola no quadro dos trabalhos de lavoura.

No caso em estudo, aplicou-se uma modalidade particular de prospecção intensiva designada como prospecção em quadrícula (*prospection en carroyage*) (Fasham, 1986, p. 20). Trata-se de uma prospecção de superfície efectuada com recurso a uma malha quadriculada, onde o comprimento do lado do quadrado de base define o seu grau de intensidade. Este tipo de prospecção tem a vantagem de permitir uma localização mais precisa dos artefactos recolhidos e uma delimitação mais objectiva das diferentes áreas de densidades de materiais. A área a prospectar foi definida de forma a incidir sobre uma mancha de dispersão de materiais previamente delimitada de forma empírica.

A prospecção abrangeu a totalidade da área de estudo, à excepção da fiada 4 dos sectores A e C, devido ao facto dessa área ser atravessada por um caminho recente de acesso a obra. Cada fila foi afectada a um único prospectador. Foram assim prospectados 182 quadrados de 5 x 5 m, representando uma área total de 4550 m². Em cada quadrado, os prospectadores reuniram a totalidade do material antrópico encontrado, que foi posteriormente pesado e quantificado. As contagens discriminaram o telhão, a cerâmica de construção incaracterística, os nódulos de argamassa e de *opus signinum*, a cerâmica de mesa/cozinha, a cerâmica de armazenamento, o sílex, o percutor, o machado de pedra polida, a cerâmica manual, a *sigillata*, a ânfora, a cerâmica fina islâmica, a cerâmica vidrada, a faiança, o metal, a escória e o vidro. As contagens discriminaram ainda o material cerâmico rolado que, devido a esse motivo, não foi identificado. No total, foram quantificados 1755 materiais, 1701 dos quais são fragmentos de cerâmica, representando uma massa total de 22,950 kg. Registou-se apenas a ocorrência de fauna malacológica. Feito isso, o material foi de seguida espalhado pelo quadrado, a excepção daquele que pudesse posteriormente permitir aprofundar o conhecimento da cultura material do sítio.

4.3. Trabalhos de escavação

Os trabalhos de escavação efectuaram-se em três campanhas, resultando na intervenção de 22 sondagens (sondagens de A a V), totalizando uma área de cerca de 470 m². Embora com dimensões e configurações distintas, todas as sondagens estão alinhadas em função dos eixos da malha de estudo. A metodologia de escavação aplicada foi a preconizada por Harris (1989) e Carandini (1996). Para além do registo da descrição das U.E.'s observadas durante os trabalhos, as sondagens foram objecto de registo gráfico (plantas e cortes), fotográfico e topográfico. A numeração das UE's efectuou-se por sondagem, o número da UE's sendo por este motivo sempre acompanhado do nome da sondagem ao longo de todo este texto. No final dos trabalhos, efectuaram-se ainda fotografias panorâmicas subverticais da totalidade da área intervencionada (Fig. 3), com recurso a uma grua, amavelmente disponibilizada pela Vialscut.



Fig. 3 Vista panorâmica subvertical da área intervencionada no final dos trabalhos. Vista aprox. E/O.



Fig. 4 Mapeamento dos resultados da prospecção intensiva em quadrícula realizada no sítio arqueológico de Barradas.

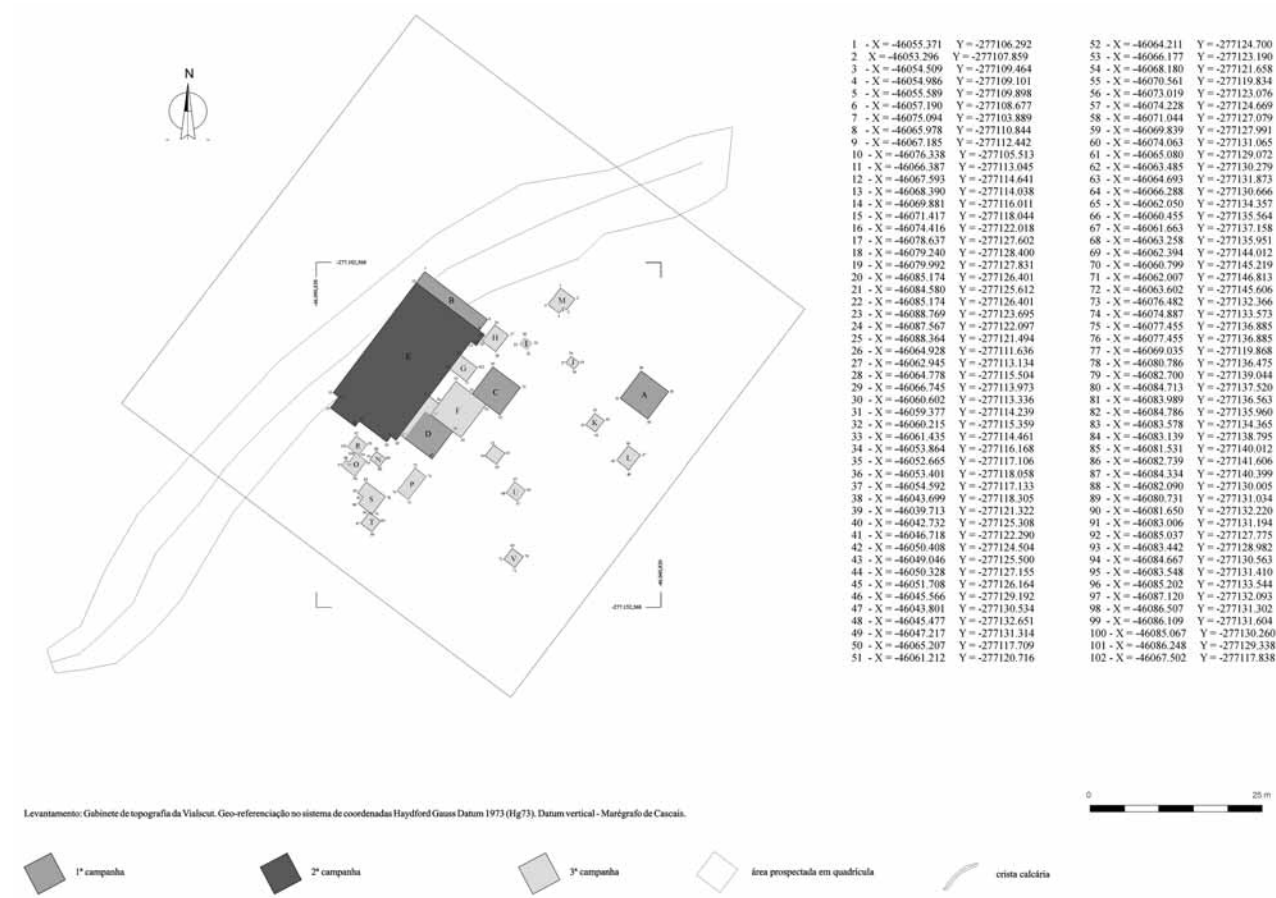


Fig. 5 Planta esquemática da escavação arqueológica no sítio de Barradas.

4.4. Sistema de informação geográfico intra-sítio

Todos os pontos materializados no terreno foram georreferenciados (Fig. 5) no sistema de coordenadas Hayford Gauss Datum 1973 (Matos, 2001, p. 26).

Os dados provenientes do levantamento topográfico, da prospecção de superfície em quadrícula, dos registos gráficos da escavação arqueológica, bem como do estudo do espólio arqueológico foram tratados informaticamente de modo a integrar um sistema de informação geográfico intra-sítio, concebido para este efeito com o software Arcview GIS 3.2a da ESRI. O tratamento dos dados provenientes da prospecção intra-sítio foi processado com o recurso ao software MS WORKS da THINKSPACE & CO. Os resultados da análise espacial conjunta de todos estes dados encontram-se representados nas Figs. 4 e 12.

4.5. Tratamento e estudo do espólio cerâmico recolhido

A intervenção arqueológica proporcionou a recolha de 5214 fragmentos de cerâmica, correspondendo a um peso total de 272,83 kg. O tratamento dado a estes materiais consistiu na lavagem, contagem, pesagem, marcação e conseqüente colagem da totalidade dos fragmentos. Analisaram-se os diferentes tipos de materiais observados no enchimento de cada fossa (Tabela 1). A contagem do conjunto da cerâmica discriminou a cerâmica manual da cerâmica feita a torno (Tabela 2).

fossa	calhau	telhão	malacologia	mamalogia	cinza	carvão	ossos humanos	minério	tegula	opus
1	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-
2	2	-	1	-	1	-	-	-	-	-
3	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-
4	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-
6	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	1	-	2	1	-	-	-	-	-	-
8	2	-	2	-	-	-	-	-	-	-
9	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-
10	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-
11	2	1	2	1	2	-	-	-	1	-
12	2	2	1	2	-	-	-	-	-	-
13	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
14	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
15	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-
16	2	1	1	-	-	-	-	-	-	-
17	1	1	2	2	1	1	-	-	-	-
18	2	1	2	1	2	-	-	-	-	-
19	1	1	2	1	1	-	-	-	-	-
20	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-
21	2	-	-	-	-	-	2	-	-	-
22	2	2	1	-	-	-	-	-	-	-
23	2	1	-	1	-	-	-	-	-	-
24	2	1	1	1	1	-	-	-	-	-
25	2	1	2	2	-	-	-	-	-	-
26	1	1	1	1	1	-	-	-	-	-
27	2	1	1	-	-	-	-	-	-	-
28	2	1	1	1	-	-	-	-	-	-
29	2	-	1	1	2	-	-	-	-	-
30	2	1	1	-	2	1	-	-	-	-
31	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-
32	2	1	1	1	-	-	-	-	-	-
33	2	1	2	1	2	-	-	1	-	-
34	1	1	2	1	1	-	-	-	-	-
35	2	1	1	2	1	-	-	-	-	1
36	2	-	1	1	-	-	-	-	-	-
37	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-

(-) inexistente (1) pontual (2) abundante

Tabela 1 Materiais diversos identificados no enchimento das fossas.

Neste conjunto, seleccionou-se a totalidade dos materiais proveniente do enchimento de fossas e os fragmentos mais significativos de outros tipos de contextos estratigráficos e procedeu-se a uma primeira análise exploratória da pasta (textura, componentes não plásticos, cor da pasta) e do fabrico (cozedura e técnica) para cada fragmento, cujos resultados podem ser consultados na Tabela 3. O critério de selecção privilegiou o carácter inviolado deste tipo de depósitos, minimizando deste modo os riscos de contaminação com materiais posteriores, que se verifica nos estratos superficiais devido aos trabalhos de lavoura inerentes ao aproveitamento agrícola do local. Esta amostra totaliza 3636 fragmentos, ou seja, cerca de 70% do universo. Como a maior parte destes fragmentos não forneciam qualquer outro tipo de informação para além do tipo de pasta e de fabrico, efectuou-se uma nova selecção dentro desta amostra, de forma a separar os fragmentos susceptíveis de servirem para efectuar um estudo mais aprofundado, nomeadamente a determinação da forma, da decoração, da cronologia e do seu contexto cronológico-cultural. Esses fragmentos foram agrupados por peças, contabilizando-se uma única vez os fragmentos provenientes de uma mesma peça. Esta subamostra é constituída por 165 peças, que correspondem a 3,24% dos fragmentos recolhidos durante os trabalhos. O número de inventário, de 1 a 169, foi incluído na marcação dos fragmentos que integram esta selecção, não sendo atribuídos os números 118, 119, 129 e 130. As 59 peças mais representativas, ou seja, cerca de 35% do conjunto das peças foram objecto de desenho arqueológico.

Fossa	Sond.	U.E.	n.º Frag.	Peso	Cer.	Cer. manual	Cer. torno
1	M	2	24	1.380	331	6	18
2	B	2	88	3.620	3.186	10	78
3	M	3	8	120	10	-	8
4	E	9	16	440	70	-	16
5	E	7	3	180	5	3	-
6	E	10	2	320	6	1	1
7	H	2	29	900	261	6	23
8	E	5	103	3.460	3.564	103	-
9	I	2	7	320	22	2	5
11	G	2	276	12.540	34.610	138	138
12	E	8	533	10.650	56.765	40	493
13	E	13	13	800	104	6	7
14	E	14	19	800	152	-	19
16	C	4	45	4.200	1.890	32	13
17	C	2	92	5.100	4.692	16	76
18	F	4	114	11.260	12.836	36	78
19	F	5	200	15.020	30.040	55	145
20	E	15	81	1.420	1.150	13	68
21	D	7	7	800	56	3	4
22	F	2	18	460	83	4	14
23	F	3	237	6.700	15.879	113	124
24	E	12	105	6.940	7.287	6	90
25	E	11	168	5.560	9.341	58	110
26	E	6	322	11.400	36.708	55	267
27	D	2	12	1.300	156	3	9
28	E	4	27	1.320	356	6	21
29	D	9	2	40	1	-	2
29	D	10	229	14.380	32.930	61	168
30	D	4	18	2.000	360	13	5
30	D	5	130	4.300	5.590	31	90
31	R	2	79	1.900	1.501	33	46
32	Q	2	86	16.140	13.880	61	25
33	N	2	89	3.640	3.240	8	81
34	O	2	149	6.080	9.059	16	133
35	P	2	77	2.300	1.771	2	75
35	P	4	20	1.300	260	4	16
36	S	2	191	7.300	13.943	101	90
37	P	3	19	2.360	448	8	11
-	B	1	41	1.640	672	2	39
-	C	1	14	800	112	5	0
-	D	1	6	40	2	3	3
-	E	1	557	12.800	71.296	42	515
-	E	2	512	66.740	341.709	292	220
-	E	3	209	7.060	14.755	18	191
-	F	1	72	3.620	2.606	13	59
-	G	1	6	100	6	-	6
-	H	1	8	100	8	-	8
-	K	1	9	300	27	4	5
-	L	1	51	5.700	2.907	22	29
-	N	1	10	80	8	-	10
-	P	1	22	280	62	-	22
-	S	1	7	120	8	-	7
-	T	2	35	2.800	980	17	18
-	U	2	17	1.900	323	5	12
Total	-	-	5.214	272.830	14.225.356	1.476	3.738

Cer = (N.º Frag. x Peso)/100 Peso em gramas

Tabela 2 Contagem e pesagem dos fragmentos de cerâmica utilitária recolhidos.

Fossa	Sond.	U.E.	Pasta															Fabrico Cozedura	Total					
			Textura				C. N. P.				C. P.													
			1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5	6	7			8	9	1	2	4
1	M	2	-	18	6	-	-	-	18	6	7	11	-	-	8	-	-	1	1	9	14	-	1	24
2	B	2	-	80	4	4	-	4	72	12	25	6	-	11	29	-	2	4	11	56	31	1	10	88
3	M	3	-	8	-	-	-	-	8	-	4	-	-	4	-	-	-	-	4	4	-	-	8	
4	E	9	6	6	1	3	-	3	11	2	3	-	-	9	-	-	3	1	13	2	-	1	16	
5	E	7	-	-	3	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	-	-	3	
6	E	10	-	-	2	-	-	-	2	-	1	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-	-	2	
7	B	2	4	19	6	-	4	-	19	6	-	12	-	-	11	-	-	4	2	15	12	-	2	29
8	E	5	-	22	81	-	-	-	22	81	-	29	3	17	41	-	-	-	13	58	32	-	13	101
9	I	2	-	5	2	-	-	-	5	2	-	2	-	-	5	-	-	-	5	2	-	-	7	
11	G	2	44	94	138	-	44	94	-	138	87	67	-	-	69	-	3	40	10	112	154	-	9	276
12	E	8	2	381	41	109	19	111	362	41	38	154	11	1	190	-	63	49	27	302	203	-	28	511
13	E	13	2	7	4	-	2	-	7	4	4	-	-	5	-	-	2	3	7	4	-	3	13	
14	E	14	-	19	-	-	-	-	19	-	-	-	-	1	-	-	-	-	18	1	-	17	1	18
16	C	4	1	13	32	-	1	-	13	32	12	18	-	-	13	-	-	1	14	10	-	1	46	
17	C	2	23	53	16	-	-	23	56	16	16	19	-	-	30	-	3	20	4	53	35	-	4	92
18	F	4	1	63	90	-	3	1	69	90	-	53	-	-	44	-	4	1	12	40	48	1	19	114
19	F	5	12	124	64	-	12	-	124	64	7	67	15	-	84	-	8	3	14	97	89	-	14	200
20	E	15	7	61	13	-	7	-	61	13	2	21	-	-	48	-	2	3	3	55	33	1	2	91
21	D	7	1	3	3	-	1	-	3	3	-	1	-	-	5	-	-	1	5	1	-	1	7	
22	F	2	2	9	7	-	2	-	9	7	-	11	-	-	4	-	2	1	-	7	11	-	-	18
23	F	3	-	124	113	-	-	-	124	113	35	56	-	-	118	-	-	3	25	121	91	-	25	237
24	E	12	10	89	6	-	10	-	89	6	31	28	-	-	24	-	8	-	14	32	59	1	13	105
25	E	11	18	92	58	-	18	-	92	58	15	31	-	-	67	-	5	13	17	85	66	1	16	168
26	E	6	16	251	55	-	16	-	251	55	37	83	-	-	141	-	-	16	45	157	120	-	45	322
27	D	2	-	8	3	-	-	-	8	3	-	5	2	-	5	-	-	-	-	7	5	-	-	12
28	E	4	2	18	7	-	-	2	18	7	10	-	-	-	13	-	-	2	2	15	10	1	1	27
29	D	9	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	4
29	D	10	13	155	61	-	13	155	61	-	11	46	4	-	97	-	-	14	57	115	57	-	37	229
30	D	4	-	5	13	-	-	-	5	13	2	8	-	-	7	-	-	1	-	8	10	-	-	18
30	D	5	34	65	31	-	34	-	65	31	13	22	-	-	57	-	-	31	7	88	35	-	7	130
31	R	2	15	31	33	-	15	-	31	33	19	21	-	-	19	-	-	15	5	34	40	-	5	79
32	Q	2	2	34	50	-	-	2	34	50	8	36	11	-	21	2	-	-	8	23	55	-	8	86
33	N	2	24	44	13	5	24	44	13	5	11	15	4	-	44	-	8	2	2	63	10	13	-	86
34	O	2	58	75	13	3	58	3	75	13	10	27	14	-	53	2	13	12	18	93	38	2	16	149
35	P	2	24	51	3	-	1	23	51	3	25	6	15	1	7	-	-	23	-	31	46	-	-	78
35	P	4	1	14	4	1	1	1	14	4	8	4	-	2	2	-	-	-	4	4	12	2	2	20
36	S	2	36	54	101	-	36	-	54	101	34	42	-	-	63	-	-	28	14	105	76	-	10	191
37	P	3	2	9	8	-	2	-	9	8	-	2	2	-	5	-	4	1	5	14	3	-	2	19
																					Total			3636

Tabela 3 Fragmentos de cerâmica utilitária recolhidos nas fossas por tipos de pasta e de fabrico. O desdobramento das siglas utilizadas nesta tabela encontra-se nos anexos: Inventário do Material Cerâmico – Nomenclatura.

5. Resumo dos resultados obtidos

5.1. Prospecção intensiva

Uma primeira análise genérica do mapeamento dos resultados da prospecção em quadrícula (Fig. 4) revela que a distribuição espacial dos achados de superfície não é homogênea em toda a área de estudo. De facto, é possível individualizar uma área de perímetro bem definido para sul assente sobre uma plataforma natural, com cerca de 2000 m², onde ocorre a maioria do material identificado. A crista calcária parece constituir um limite natural desta área para poente, uma vez que poucos quadrados revelaram material arqueológico nesta direcção. Para nascente desta área de maior concentração, verifica-se uma grande frequência da ocorrência de material nos quadrados prospectados, mas sempre com densidades pouco significativas, da ordem dos 0,5/20 Cer. A leitura do mapa da relação percentual entre cerâmica rolada e a totalidade do material quantificado permite averiguar que aquela domina nesta área, sendo pouco significativa na

área de maior densidade de material. Este facto aponta para um deslocamento por gravidade de cerâmicas provenientes da área de grande densidade de materiais pela vertente oriental da plataforma, que explica a presença de materiais nesta área.

A cronologia dos materiais identificados é bastante ampla, enquadrando-se respectivamente na pré-história recente (machado de pedra polida, percutor, lasca de sílex), no período romano (*sigillata*, ânfora, *opus signinum*), no período alto-medieval (telhão), do qual se distingue a cerâmica de mesa fina, por vezes com vestígios de decoração a óxido de ferro, de cronologia islâmica. O material baixo-medieval/moderno está representado pelas cerâmicas vidradas de chumbo e as faianças. Apesar da maior parte dessas cerâmicas estar demasiadamente fragmentada para se poder caracterizá-las tipologicamente, foi possível reconhecer uma faiança de tipo “motivo serpentina”, correspondendo a uma produção coimbrã dos finais do século XVIII/inícios do século XIX com paralelos na intervenção realizada pelo signatário no n.º 19 da Rua do Cabido (Silva, 2001, Fig. 4, Peça 4). O período contemporâneo encontra-se igualmente representado por pequenas lixeiras (vidros de garrafas, plástico, etc.) dispersas ao longo da crista calcária. Depende-se da presença de todos estes materiais que o local foi objecto de uma presença antrópica contínua desde a pré-história até aos dias de hoje. Resta analisar a intensidade desta presença para os períodos cronológicos acima referidos. A omnipresença de fauna mamalógica (berbigão, amêijoia e algumas conchas de ostra) à superfície, na mancha de maior densidade de materiais, documenta a utilização habitacional de pelo menos parte deste espaço. Resta agora determinar a cronologia desse tipo de ocupação.

A dispersão dos materiais de cronologia pré-histórica aparenta não ser aleatória, concentrando-se no centro da mancha de maior dispersão de materiais, se considerarmos deste período a cerâmica manual e não apenas o material lítico anteriormente referido. Infelizmente, o elevado grau de fragmentação que caracteriza geralmente o material de superfície não permite distinguir a cerâmica manual de cronologia pré-histórica daquela produzida durante a Alta Idade Média, período igualmente representado à superfície. A hipótese de ter existido uma ocupação habitacional deste espaço no período pré-histórico pode ser formulada, mas os resultados da prospecção intensiva não são suficientes para a validar.

Em contrapartida, este tipo de ocupação do espaço no período romano pode ser afastado à partida, devido a ausência absoluta de *tegula*, de longe o elemento mais representado em recolhas efectuadas em sítios deste período. A presença residual de material deste período cronológico deve-se por este motivo à utilização deste espaço como área de actividade limitada (Ruiz Zapatero e Fernández Martínez, 1993, p. 93), ou pode associar-se à existência de estruturas demasiadamente pequenas para serem discriminadas com este tipo de abordagem (Gerrard, 1995, p. 142). Este problema será reavaliado mais à frente com base nos resultados da escavação arqueológica.

A telha de meia cana grosseira, ou telhão, representa cerca de 36% dos materiais identificados durante a prospecção, sendo a taxa mais representada a seguir à cerâmica de mesa/cozinha (41,6%). Este tipo de material de cobertura é consensualmente atribuído ao período alto-medieval. Alguns dos fragmentos observados eram decorados com motivos digitados, característicos deste período. O telhão observa-se em toda a área de estudo. A sua distribuição não obedece aparentemente a qualquer tipo de regularidade espacial. É assim difícil definir a localização precisa de uma área habitacional, apenas com base neste indicador, sendo no entanto seguro que houve uma ocupação habitacional do local durante este período. A ausência de uma mancha de maior densidade, de par com o facto de se encontrar sub-representada em relação aos restantes materiais, sugere que o telhão tenha sido recuperado após o abandono da ocupação habitacional do sítio, para ser reaplicado na cobertura de outros edifícios. A título de exem-

plo, a prospecção efectuada anteriormente no sítio medieval/moderno do Cotifo de Baixo 3, situado alguns quilómetros para poente, revelou que a telha de meia cana representava cerca de 54% do material identificado (Silva, 2001). A reutilização do material de construção encontra-se bem documentada noutras épocas, nomeadamente no período romano, onde dificulta grandemente a identificação de pequenos sítios rurais (Alarcão et al., 1990, p. 177; Silva et al., 1998). A presença da cerâmica de mesa fina islâmica permite precisar melhor a cronologia desta ocupação alto-medieval e a sua distribuição ao longo da crista calcária sugere que é nessa zona que se deve procurar a área habitacional correspondente a esta ocupação. A restante área pertencendo à mancha de maior densidade de materiais que se desenvolve para sul e para nascente da crista calcária parece corresponder a uma área de actividade preferencial dos habitantes deste sítio, situando-se frente à área habitacional e gozando de uma boa exposição solar.

Parece seguro que esta área nunca voltou a ter uma ocupação habitacional, uma vez que não se identificaram telhas de meia cana de menor espessura que o telhão, utilizadas durante os restantes períodos históricos até aos meados do século XX, como se verifica, por exemplo, no Cotifo de Baixo 3, onde formam uma mancha que se sobrepõe quase exactamente à área habitacional do sítio, confirmada através de sondagens arqueológicas. O material mais recente identificado em toda essa área deve relacionar-se com a prática da adubagem dos solos no quadro da exploração agrícola do terreno (Ruiz Zapatero e Fernández Martínez, 1993).

É ainda de salientar que a presença de escória à superfície parece documentar a prática metalúrgica neste sítio, embora seja pouco significativa uma vez que este tipo de material representa apenas 0,3% do material identificado.

5.2. Escavação

5.2.1. Estruturas da área habitacional

A escavação arqueológica do sítio proporcionou a descoberta de um único troço de muro (m1SE) constituído por calhaus de baixo e médio porte, sem talhe, unidos por argila local, sem qualquer revestimento, com uma orientação NE/SO, um comprimento máximo de 2,80 m e uma largura máxima de 0,65 m. Este elemento foi identificado na sondagem E, imediatamente para nascente da crista calcária. O aproveitamento agrícola dos solos margosos que ocupam esta área, de par com a ausência de sedimentação posterior à ocupação do sítio proporcionada pelo seu contexto topográfico e ainda talvez o carácter modesto deste assentamento terão contribuído para o desmantelamento dos elementos murais que constituíam a área habitacional. Contudo observaram-se duas grandes concentrações de calhaus de calcário de pequeno, médio e grande porte (UE2SE e UE3SE), para norte do muro m1SE e sem paralelos nas restantes áreas sondadas, interpretados como derrubes.

5.2.2. Crista calcária

A escavação da sondagem B permitiu invalidar a hipótese de ter existido nesse local uma muralha. As terras superficiais, de fraca potência estratigráfica, assentavam para NE sobre uma crista calcária, que encostava sensivelmente no meio da sondagem a um estrato de margas argilosas. Uma fiada de calhaus de calcário (UE4SE), de grande porte, alinhados com orientação

NE/SO, sem qualquer paramento/revestimento e assentando directamente sobre o substrato rochoso, foi identificada na transição entre estas duas formações geológicas. Os restantes calhaus observados ao longo da crista calcária não se encontravam estruturados, resultando possivelmente da despedrega da área de cultivo que se situa imediatamente para nascente. Esta hipótese é reforçada pelo facto deste afloramento servir de limite de propriedade, como o atestam os diversos marcos de propriedade aqui implantados. Uma vez que calhaus deste porte não ocorrem normalmente em horizontes margosos, é admissível que estes calhaus tenham pertencido originalmente às estruturas habitacionais do sítio em estudo.

5.2.3. Tanque

Na sondagem K, identificou-se uma estrutura definida por um aro rectangular constituído por calhaus de calcário de pequeno porte, com as faces interiores e o fundo revestidos com argamassa. Essa estrutura tem cerca de 1,4 m de comprimento e cerca de 1 m de largura. Apenas se conservou ao nível da base, uma vez que não tem mais de 0,10 m de profundidade. A impermeabilização do interior com argamassa sugere que servisse para conter água, tratando-se de um pequeno tanque.



Fig. 6 Planta final da escavação arqueológica e terminus post quem das fossas detectadas no sítio de Barradas.

5.2.4. Fossas

A escavação arqueológica permitiu detectar 37 fossas, concentradas no centro da área de estudo. A sigla que identifica cada fossa foi indicada na planta final da escavação arqueológica (Fig. 6). A representação gráfica de pormenor em planta e em corte individual de cada fossa pode ser consultada nas Figs. 9 a 11. A topologia e as dimensões das fossas permitiram definir cinco tipos distintos:

1- as fossas elipsoidais (11 exemplares), muito largas (1,5 a 4,8 m de diâmetro) e pouco profundas (0,3 à 0,6 m), de base geralmente côncava. Este tipo inclui as fossas elipsoidais de topo complexo, cujo perímetro tem um contorno irregular;

2- as fossas cilíndricas (8 exemplares), cuja base, geralmente plana, e o topo tem sensivelmente o mesmo diâmetro, variando entre 0,55 e 1,8 m e cuja profundidade varia entre 0,6 e 1,3 m;

3- os silos (8 exemplares), fossas fundas (1,35 a 1,95 m) de forma garrafal, com uma abertura estreita no topo (0,8 a 1,4 m) e a barriga (1,3 a 2,2 m) mais larga que a base (1,2 a 2 m), geralmente plana.

4- as fossas com patamar (6 exemplares); este tipo de estrutura é constituído por uma fossa principal, que se cola a uma segunda fossa, que constitui um patamar intermédio entre o fundo da fossa principal e o topo do substrato (Fig. 7). Ocorrem ainda fossas com patamares múltiplos, onde três patamares dão acesso à fossa principal. A profundidade do pata-



Fig. 7 Aspecto da fossa 2 (sond. B). Vista aprox. NE/SO.

mar representa entre 30% a 85% daquela da fossa principal. A profundidade da fossa principal varia entre 0,9 e 2 m. As paredes das fossas principais e dos patamares são tendencialmente rectas. O diâmetro do topo das fossas principais varia entre 0,7 e 1,4 m, enquanto que o diâmetro do topo dos patamares oscila entre 0,9 e 1,7 m;

5- as fossas geminadas (3 exemplares); este tipo é apenas representado pelo conjunto das fossas F20/F24/F26 (Fig. 8). Estas fossas, que comunicam entre elas, parecem pertencer a uma mesma estrutura. A fossa F20 com um diâmetro de topo de 0,4 m e um diâmetro de base de 1 m foi seguramente escavada a partir da parede ocidental da fossa F24, o fundo dessas duas fossas encontrando-se num mesmo plano, a 1,2 m de profundidade. Para nascente, a fossa F24 liga-se subterraneamente à fossa F26. O fundo desta fossa é ligeiramente mais baixo (1,4 m). Um pequeno patamar, com uma profundidade e um diâmetro no topo de 0,6m dá acesso a esta fossa para nascente.

O arqueólogo responsável pelo acompanhamento arqueológico da obra, António Medeiros, informou-nos que os trabalhos de escavação efectuados posteriormente no local, no quadro da construção da estrada, lhe permitiram detectar mais quatro fossas, algumas das quais continham materiais calcolíticos nos seus respectivos enchimentos.



Fig. 8 Aspecto das fossas geminadas (f20, f24, f26) da sondagem E. Vista aprox. SE/NO.

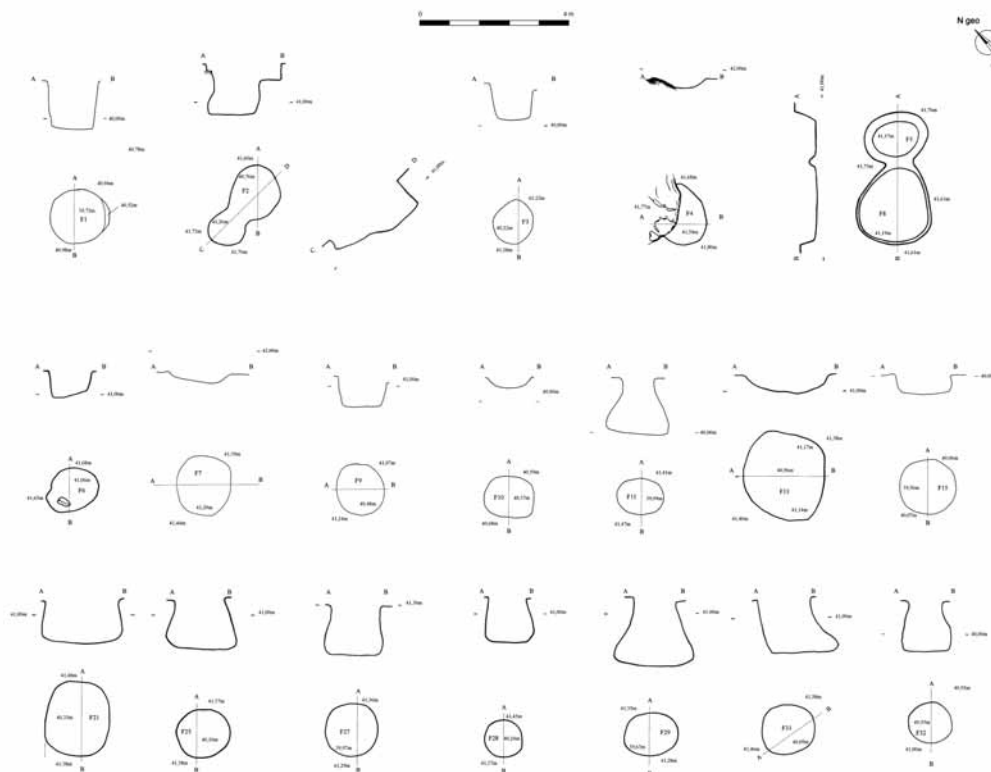


Fig. 9 Registo gráfico das fossas de Barradas.

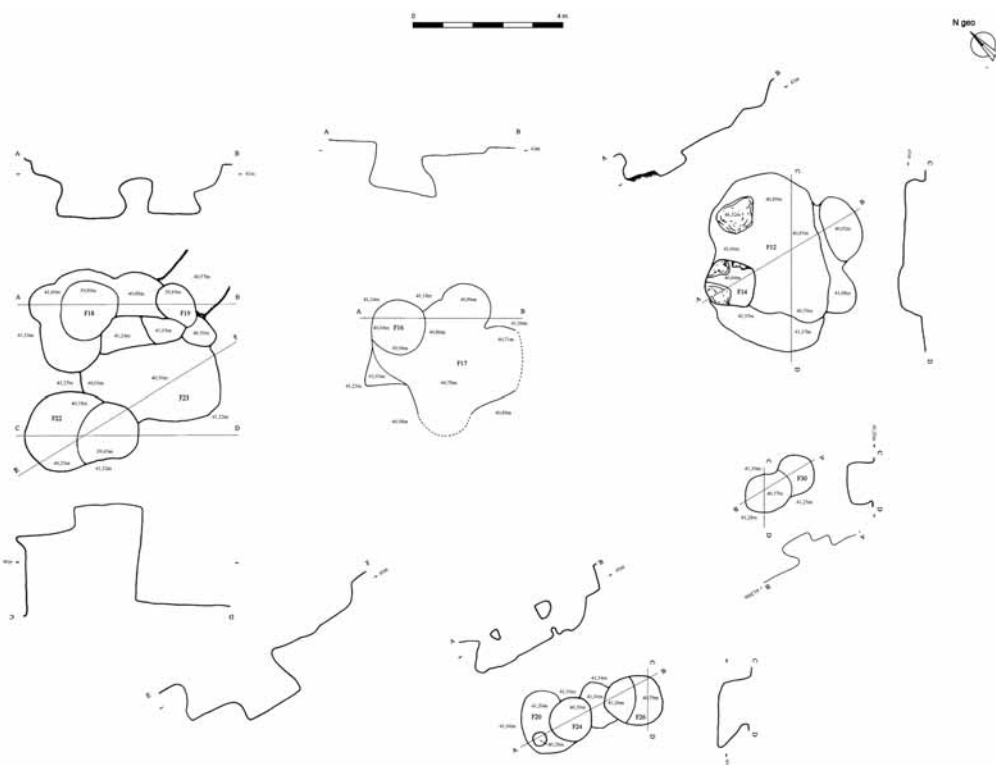


Fig. 10 Registo gráfico das fossas de Barradas.

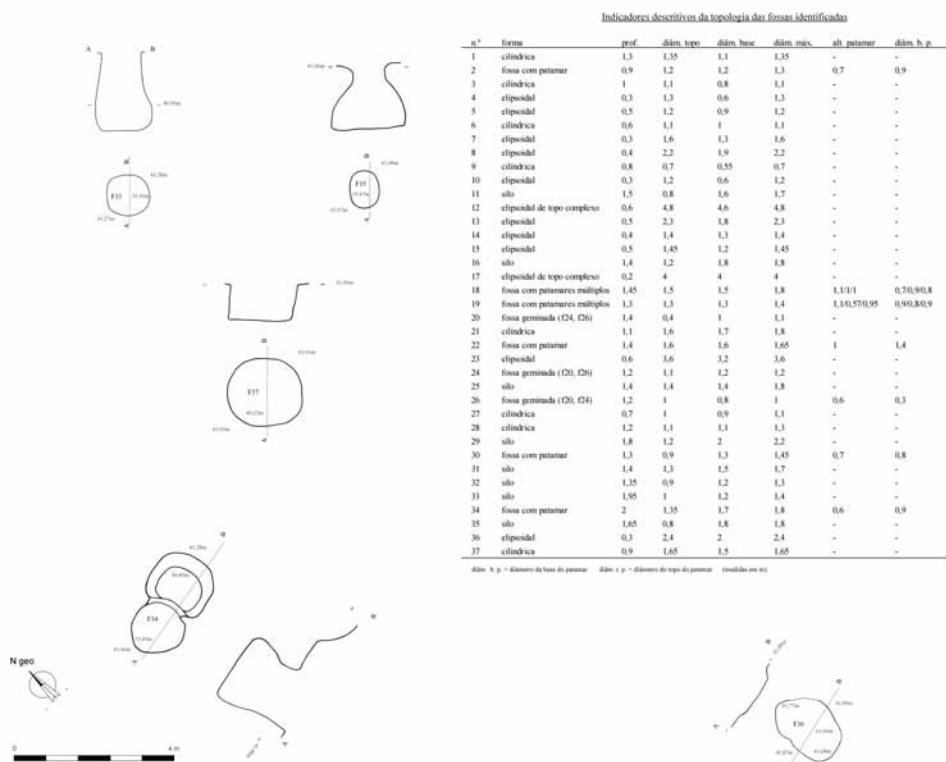


Fig. 11 Registo gráfico das fossas de Barradas.



Fig. 12 Materiais observados no enchimento das fossas identificadas no sítio de Barradas.

5.2.5. Estratigrafia

De uma forma geral, a potência estratigráfica era bastante reduzida em toda a área interencionada, o que condiciona seriamente a conservação de estruturas em positivo, uma vez que estes terrenos são objecto de trabalhos de lavoura periódicos. Não se identificou nenhum nível de circulação. Observou-se apenas a existência de dois derrubes na sondagem E, referidos anteriormente. O horizonte superficial (UE 1 em todas as sondagens), com uma espessura que variava entre os 0,05 e 0,15 m, era constituído por terras argilosas muito compactas, de cor castanha avermelhada, assentando sobre o substrato geológico, constituído por margas argilosas/argilas margosas e sobre a crista calcária, que aflorava pontualmente. Como o sugeriam os resultados da prospecção de superfície, este horizonte continha materiais de amplo espectro cronológico, bastante fracturados, de reduzido potencial científico. Em contrapartida, as fossas continham no seu enchimento grandes quantidades de materiais cerâmicos, inclusive peças quase completas ou fracturadas *in situ*, de elevado potencial científico, capazes de fornecerem uma cronologia bastante segura para o entulhamento destas estruturas.

5.3. Estudo do material arqueológico

O espólio exumado no quadro desta intervenção arqueológica é na sua quase totalidade composto por material cerâmico, proveniente do interior das fossas escavadas no substrato geológico que atrás apresentámos. Uma vez que envolvem problemáticas bem distintas, optámos por apresentar os resultados do seu estudo por período cronológico (Pré-História, período romano e período islâmico [emiral e califal]), apesar de as peças estarem integradas num mesmo inventário. Entre as cerâmicas é notória a supremacia tanto quantitativa como morfológica das peças do período islâmico. Por este motivo, optou-se por recorrer a uma estrutura e a uma nomenclatura de inventário usada e compreendida por investigadores especializados nesse período. Depois de analisarmos a metodologia de classificação seguida por vários autores, nomeadamente a de Navarro Palazón (1986) para a região de Múrcia, onde propõe nove grupos de formas cerâmicas distribuídas conforme a sua funcionalidade, que tem sido aplicada por outros investigadores (cerâmicas de Mértola (Torres, 1987) ou para a região de Almeria (Domínguez Bédmar, 1993), resolvemos adoptar a de Helena Catarino (1997) por ter um âmbito geográfico muito próximo daquele da área em estudo. Assim sendo, distinguem-se oito grupos: recipientes de cozinha (onde se integram os tipos panelas, malgas, caçoilas e sertãs); recipientes exclusivamente de mesa (tipos como as tigelas e as taças); recipientes de cozinha e mesa (púcaros ou pucarinhos); recipientes de armazenamento de alimentos (talhas e potes); recipientes de armazenamento e mesa, só para líquidos (cântaros, infusas, bilhas e galhetas); contentores de fogo para iluminação (candeias); tampas ou testos; recipientes de cozinha e para higiene pessoal (alguidares). Acrescentou-se o tipo dos vasos de forma a poder integrar algumas peças pré-históricas desse tipo que não se verifica no período islâmico. Adoptamos igualmente a nomenclatura e a estrutura de inventário desta autora, completando-a pontualmente, de forma a facilitar a comparação com os resultados obtidos por ela no Algarve Oriental (Anexos – Inventário do material cerâmico – nomenclatura). A cronologia atribuída às peças do inventário obteve-se através da busca de paralelos com peças provenientes de contextos estratigráficos de datação segura registados em outras intervenções arqueológicas no Sul da Península Ibérica, que se encontram publicadas. As peças para as quais não foi possível encontrar paralelos foram classificadas como sendo de cronologia

indeterminada. No entanto, como será abordado mais à frente, uma vez que o *terminus post quem* da maioria das fossas escavadas se enquadra no período islâmico, é bastante provável que seja essa a sua cronologia. O material lítico pré-histórico, numismático e antropológico é ainda apresentado neste capítulo, enquanto que o restante se encontra apenas referido de forma sumária nas considerações finais.

5.3.1. Cerâmica pré-histórica

Registaram-se 36 peças de cronologia pré-histórica (Fig. 13).

As taças apresentam alguma variedade formal. Apesar de serem todas esféricas de bordo sem espessamento (n.º 21), o fragmento n.º 18 conta com uma pega mamilar, o n.º 82 com um mamilo de secção subcircular decorativo (ao contrário do anterior que seria funcional) e o n.º 164 apresenta um “gato”. As taças esféricas são características do Neolítico Médio e do Neolítico Final/Calcolítico do Sul de Portugal (Gonçalves, 1994, p. 118).

Em relação aos pratos, apresentamos um fragmento de bordo almendrado, ou seja, espessado interna e externamente (n.º 6), um fragmento de bordo sem espessamento (n.º 23) e um fragmento de bordo espessado com inflexão interna (n.º 14). Os pratos de bordo espessado enquadram-se já no período plenamente calcolítico, encontrando-se documentados ao longo de todo o III milénio a.C. (Gonçalves, 1994, p. 118).

Os vasos estão também representados com o fragmento n.º 77 que conta com um lábio direito e pelo fragmento n.º 97 que se apresenta cepilhado nas suas duas superfícies. Depois de analisarmos a forma ou perfil deste último, pensamos que poderá, embora com muitas reservas, tratar-se de uma imitação de um vaso campaniforme, mesmo estando ausente a decoração típica destes vasos. Este tipo de vasos enquadra-se já no Calcolítico Final, ou seja, nos finais do III milénio a.C., encontrando-se ainda em contextos do Bronze Inicial (Jorge, 1990, p. 181). Ao nível cerâmico contamos ainda com um peso de tear em forma de placa de contorno rectangular e secção sub-rectangular, um cossoiro de contorno circular e secção sub-rectangular e o que se parece com uma taça subcilíndrica (que continha substâncias mínimas) que classificámos com muitas reservas como um possível cadinho. Alguns autores consideram os pesos de tear em forma de placa, que surgem já em contextos do Neolítico Final/Calcolítico, como os mais antigos, sendo posteriormente substituídos pelos pesos em forma de crescentes (Gonçalves, 1991, p. 83). Em todo o caso, este tipo de artefacto, bem como os cossoiros, são indicadores seguros do avanço da Revolução dos Produtos Secundários, que caracteriza o Calcolítico.

5.3.2. Cerâmica romana

Os fragmentos cerâmicos que integram este catálogo, datados da época romana, são sem dúvida os menos proeminentes de toda a amostra (Fig. 14). Para além de dois fragmentos de *tegulae*, um fragmento de *opus signinum* e uma moeda, foram apenas recolhidos mais três fragmentos cerâmicos deste período. À superfície foi detectado um fragmento de bordo de ânfora de tipo indeterminado, bem como um fragmento de *opus signinum* e um fragmento de *tegula*. Já no interior das fossas foi recolhido um fragmento daquilo que pensamos ser uma pequena bilha (n.º 76) e um outro de *terra sigillata* hispânica (n.º 83). A primeira parece enquadrar-se num tipo bastante comum em contextos sepulcrais do Baixo-Império, geralmente a sul do país (Nolen, 1985).

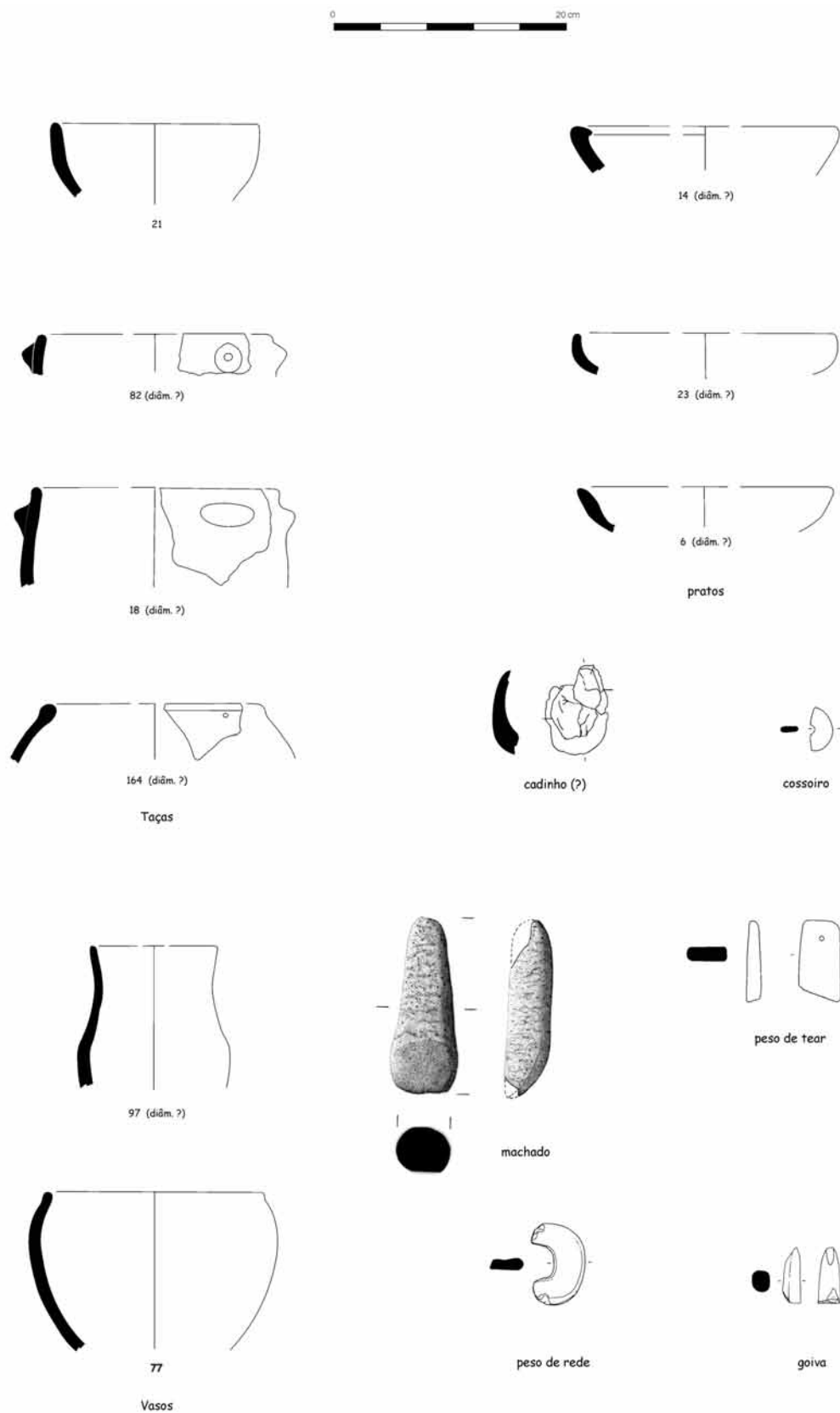


Fig. 13 Materiais pré-históricos de Barradas.

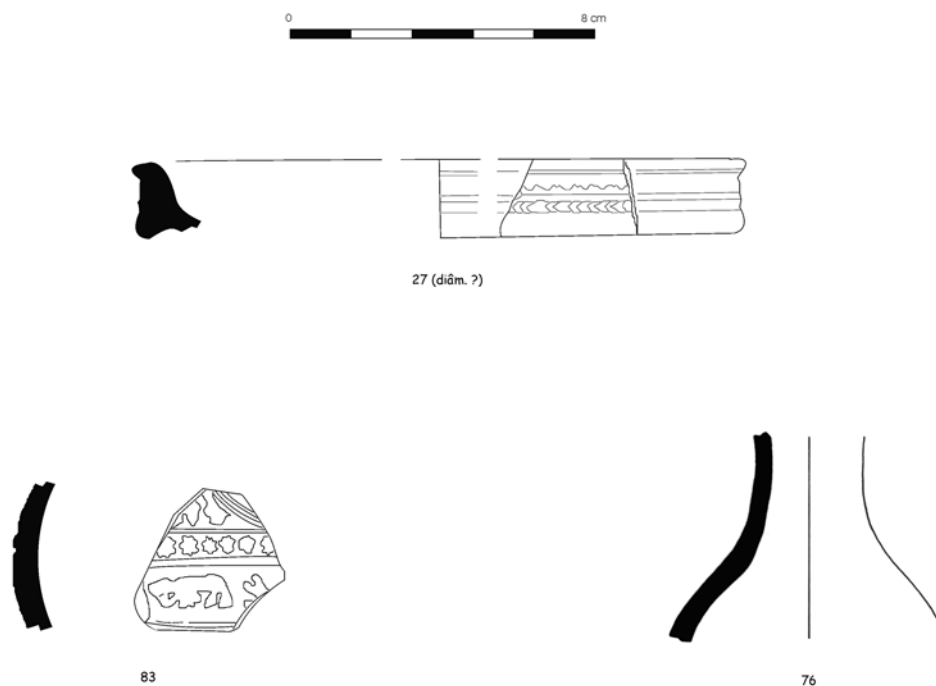


Fig. 14 Materiais romanos de Barradas.

A segunda, cuja produção se inicia nos meados do século II d.C., apresenta um verniz castanho avermelhado, uma pasta laranja pouco compacta e na superfície exterior uma decoração zoolomorfa e vegetalista em relevo. Contudo, devido à ausência de forma, estas peças não foram classificadas tipologicamente. Apesar de ser bem mais tardia, optamos por integrar neste grupo o prato de bordo triangular e decorado a roleta (peça n.º 27), que se enquadra nas produções de *terra sigillata* “Late Roman C”, Forma 3C (Hayes, 1972, fig. 67). Este tipo de cerâmica, de origem oriental, aponta para um intervalo cronológico entre a segunda metade do século V e a primeira metade do século VI (Hayes, 1972, p. 337).

5.3.3. Cerâmica emiral e califal

Apesar de não existirem evidências que permitam supor a ocupação habitacional da área em estudo durante este período, é necessário perceber as transformações políticas, económicas e culturais que ocorrem no sul da Península entre o final do Império Romano e o início do período islâmico, ou seja o período emiral, para entender a presença em Barradas de alguns tipos de cerâmicas, que parecem à primeira vista enquadrar-se nesse contexto. Este período intermédio é geralmente designado de tardo-romano ou visigótico.

De uma forma geral, estende-se desde a segunda metade do século VI aos princípios do século VIII, mais especificamente até ao ano 711, data da invasão muçulmana da Península. No entanto, estes limites cronológicos tornam-se muito rígidos quando tentamos estudar estas cerâmicas, pois não reflectem a verdade dos factos. Segundo Sonia Gutiérrez Lloret (1988), o início das produções tardo-romanas deve situar-se no momento em que a importação de *sigillata* africana deixa de ser significativa, ou seja, no último quartel do século VI (Gutiérrez Lloret, 1988, p. 17). A autora avança também a cronologia do final desta época para 743, data que marca a

vinda dos primeiros contingentes sírios para a Península, pois em 713, com o pacto de Teodormiro, prevalecem ainda as estruturas sociais visigóticas, bem como a cultura material.

O termo “tardo-romano” é talvez infeliz para designar este período. De facto, parece adequar-se mais ao período que sucede imediatamente à queda do Império Romano e que acaba com a supremacia dos Visigodos na Península e a consequente expulsão dos Bizantinos. Apesar de terem controlado de forma pouco efectiva e pouco duradoira o território litoral do sul do país, contribuíram de forma significativa para a manutenção dos valores culturais e religiosos hispano-romanos em competição com aqueles introduzidos pelos invasores visigóticos a partir dos inícios do século V. Nesse sentido, é importante lembrar que a integração do sul da península no império bizantino se deve ao imperador Justiniano (527-565), que se considerava o herdeiro legítimo do Império Romano Universal. A campanha militar peninsular constituía para ele apenas um passo para o seu grande projecto de restauração do *mare nostrum*. Quando o rei visigodo Agila tenta impor à força o arianismo às populações locais, os Cordoveses pedem o apoio do imperador na luta contra os infiéis. Durante algumas décadas, os Bizantinos conseguirão manter algum controle sobre parte do litoral do Sul de Portugal. Tendo uma cultura e um *modus vivendi* próximo da cultura hispano-romano por derivarem de uma herança comum, a presença bizantina assegura a manutenção desses valores e produtos no litoral, bem como a sua difusão nas cidades do interior (Marques et al., 1993, p. 65). A circulação da *sigillata* africana e da *Late Roman C*, que sabemos hoje estar presente em todo o Sul do País durante todo este período, é um indicador seguro desta influência, mesmo fora das áreas controladas de facto pelo Império. Trata-se talvez dos últimos tipos de peças de produção massificada e objecto de um comércio de longo curso a circular nessas regiões (Catarino, 1997-1998, p. 753).

A expulsão definitiva dos Bizantinos do Sul da Península no reinado de Suintila no final do primeiro terço do século VII (Marques et al., 1993, p. 67) resulta na exclusão do Sul da península do grande comércio mediterrânico, provocando transformações importantes na economia e em última análise na cultura das populações hispano-romanas, que se vêem privadas de produtos e artefactos essenciais para a manutenção do seu *modus vivendi*, para além de já não contactarem com as ideias e os modelos culturais mediterrânicos veiculados pelos actores deste comércio. A economia de cariz pré-capitalista herdada do período romano desaparece rapidamente visando a partir desse momento a auto-suficiência em sistemas praticamente fechados. A predominância da cerâmica produzida localmente, de fabrico manual ou a torno baixo, durante o período da hegemonia visigótica é apenas um reflexo desse processo na cultura material. É este o quadro que encontram os primeiros contingentes sírios quando chegam ao Sul da península nos meados do século VIII. Explica-se deste modo que durante o início da ocupação islâmica, nomeadamente no período emiral e em menor medida no período califal, as cerâmicas de produção local continuem a representar uma parte significativa da cultura material. Podemos falar de cerâmica de tradição visigótica, embora alguns modelos possam ser anteriores, remontando ao final do Império. De facto, a produção local ou pelo mesmo regional tinha já uma expressão significativa no período romano, alguns dos tipos cerâmicos desse período tendo-se mantido ao longo de toda a Idade Média. Não é por este motivo de admirar que neste inventário se relacionem peças com paralelos em cerâmicas do período tardo-romano/visigótico, provenientes de outras escavações arqueológicas, que reflectem a persistência desta tradição entre os séculos VIII e IX. Já a partir do século X regista-se um enriquecimento tanto a nível morfológico, como a nível das distribuições de contingentes cerâmicos, uma vez que o horizonte produtivo começa a expandir-se. Surgem as novas formas, que poderemos considerar tipicamente emirais, bem como as decorações a óxido de ferro sobre pastas brancas (Catarino, 1997-1998, p. 757).

Seguem-se os resultados do estudo das produções deste período presentes no sítio em análise, por grupos e tipos morfológicos.

Recipientes de cozinha (Fig. 15)

Panelas: tipo 1 e 2 do inventário

Este grupo assume-se como uma das formas mais representadas neste sítio. Estes utensílios, que serviam para a cozedura de alimentos e que eram exclusivamente recipientes de ir ao fogo, podem ainda ser divididos por duas categorias, panelas ou grandes púcaras de uma asa, uma distinção que optámos por não fazer. Dispomos de uma variedade de formas que encerram em si uma vasta diacronia que vai desde o período tardo-romano até ao período emiral. O diâmetro de abertura do bordo é sempre inferior ao diâmetro do bojo, o corpo é globular, possuem uma asa e são de fabrico manual ou a torno lento. As diferenças entre estas formas residem no bordo, colo e tipo decorativo.

Classificámos os fragmentos n.ºs 28, 67 e 70 como formas referentes ao período tardo-romano. O fragmento n.º 28 conta com um bojo ou parede rectilínea divergente ou ligeiramente reentrante que apresenta uma decoração incisa ondulada. Esta peça parece encaixar nas produções dos séculos VII e VIII de *Ilici* (Elche) (Gutiérrez Lloret, 1993, p. 44, fig. 2, n.º 8). O fragmento n.º 67 apresenta o mesmo tipo decorativo que o anterior, contando, no entanto, com um corpo globular e um bordo esvasado que o faz assemelhar às “ollitas u orcitas” também de *Ilici* (Gutiérrez Lloret, 1993, p. 46, fig. 3, n.ºs 2 e 3). A peça n.º 70, de lábio boleado, bordo com uma pequena inflexão externa, de paredes paralelas um pouco rectilíneas, de asa com depressão longitudinal e pastas muito grosseiras (com elementos não plásticos de médio e alto calibre) apresenta semelhanças a nível formal com os materiais do Bronze Final, o que vem retratar as similitudes entre este período e a época visigótica.

A súpula das panelas recolhidas pertence essencialmente a dois grupos distintos.

Um destes núcleos está representado pelas peças n.ºs 111 e 112 que poderiam ser classificadas de grandes púcaras de uma asa. Apresentam um bordo com inflexão externa sem ressalto de lábio boleado, corpos globulares, fundos planos e asas com depressão longitudinal. Apesar disso, são patentes algumas diferenças entre elas, pois enquanto a primeira conta com um colo cilíndrico envolvido por linhas incisadas, a última apresenta um colo esvasado. A peça 112 encontra paralelos junto das cerâmicas de El Zambo em Novelda, Alicante (Gutiérrez Lloret, 1988, p. 88-89, Z8 e Z11), datadas dos séculos IX/X.

A outra grande amostra é composta por panelas de bordo com inflexão (n.º 31) e, por vezes, um pequeno ressalto exterior (n.º 84), de lábio boleado, corpos globulares, fundos planos (n.º 88), colo cilíndrico desenvolvido (n.º 65) e com decoração incisa baseada em duas/três incisadas que rodeiam a ligação do colo com o bojo (n.º 86). Apenas um fragmento conta com asa de secção oval. As peças 31 e 84 encontram paralelos junto do modelo mais representado da Mérida emiral, já presente no século VIII. Trata-se de formas evoluídas de modelos de época visigótica (Alba e Feijoo, 2001, p. 340, *olla 1*).

As peças n.ºs 30 e 94, que julgamos pertencerem a este grupo morfológico, apresentam-se completamente desfiguradas, parecendo tratar-se de erros de produção. Isto ajuda-nos a comprovar a existência de pelo menos um forno cerâmico nesta estação arqueológica. Não foram desvendados quaisquer paralelos para esta forma cerâmica. Este facto, juntamente com o anterior, leva-nos a crer que estamos perante uma forma de produção local que enquadrámos, pela natureza do seu fabrico, nos séculos IX/X.

Almofariz: tipo 26 do inventário

Recipientes de apoio à cozinha, serviriam para moer certos condimentos ou preparar temperos.

Contamos com duas peças desta categoria (n.ºs 49 e 50), que se encontram reduzidas apenas ao seu fundo. Trata-se de produções manuais de pastas grosseiras, com elementos não plásticos de média e grande dimensão. Os fundos são planos e apresentam no seu interior os típicos sulcos que favoreciam a moagem.

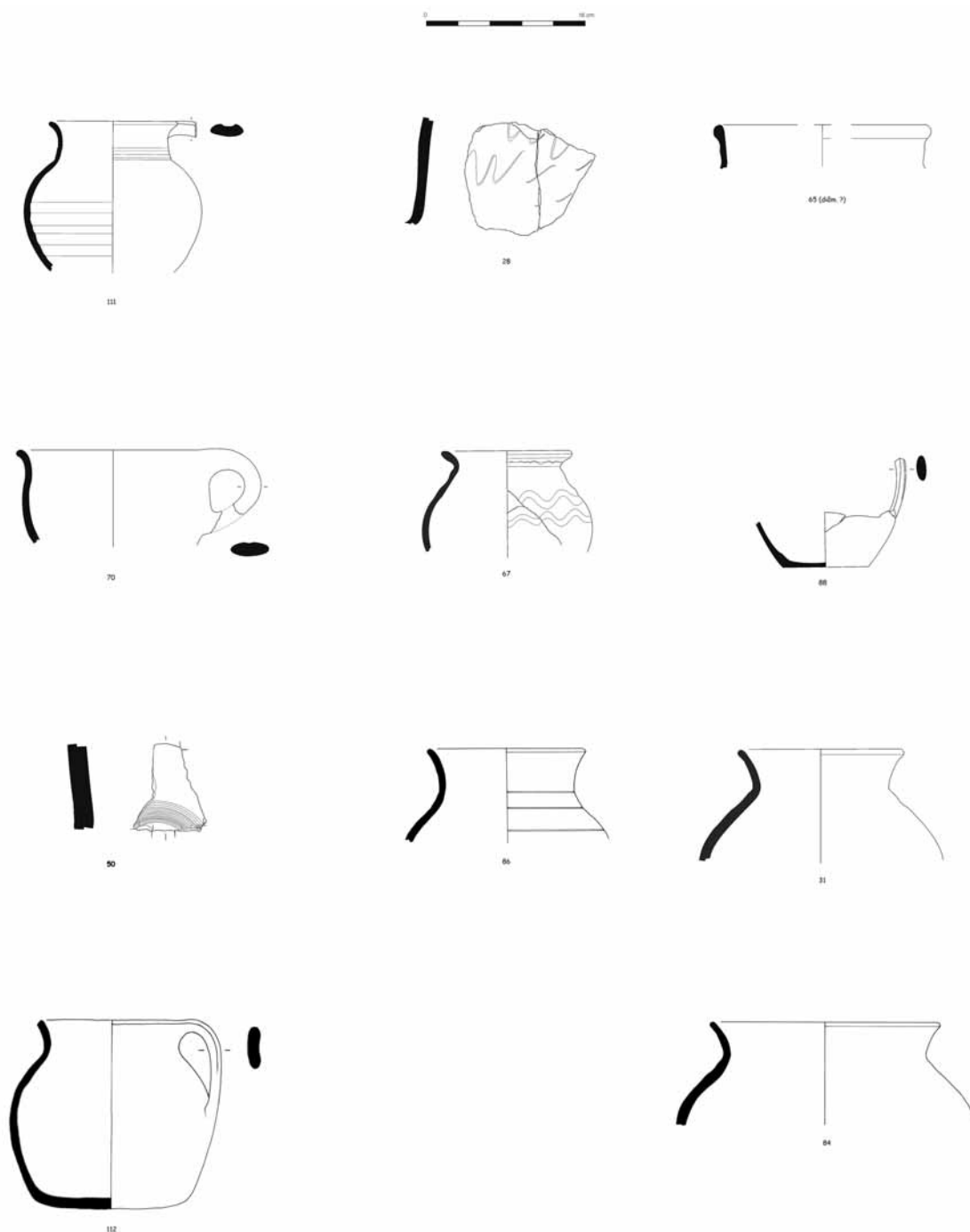


Fig. 15 Materiais islâmicos de Barradas: recipientes de cozinha.

Recipientes exclusivamente de mesa

Tigelas: tipo 5 do inventário

As grandes tigelas ou malgas saladeiras serviriam como louça de mesa. As de maior dimensão poderiam servir como travessas e as de menor tamanho, como pratos de refeição ou para colocar acespipes à mesa (Catarino, 1997-1998, p. 772). Estas formas abertas de superfícies vidradas estão muito mal representadas neste conjunto, pois apenas foi identificado um exemplar (Fig. 21, n.º 114).

Este fragmento de bordo boleado com lábio direito e leve inflexão externa apresenta um vidrado esverdeado/amarelado na superfície externa e interna que se encontra pintada com motivos aparentemente fitomórficos a óxido de manganés. Conta com uma pasta homogénea, com grãos finos de cor creme clara esbranquiçada.

Parece poder comparar-se aos tipos 5A ou 7A de Helena Catarino (1997-1998, p. 777, fig. 67), existindo também semelhanças com algumas cerâmicas de Mértola (Torres, 1987), ambos datados dos séculos X/XI.

Recipientes de cozinha e mesa

Púcaros ou pucarinhos: tipo 9 do inventário

Este conjunto de recipientes para servir líquidos classifica-se como peças de mesa que poderiam ir ao fogo para aquecer o seu conteúdo, o que se pode constatar pela presença de fuligem exterior das peças que apresentamos.

Dos quatro exemplares que identificamos (n.ºs 69, 96, 101, 127), dois apresentam-se fragmentados (n.ºs 69, 101), conservando apenas a asa e o bordo, estando os restantes praticamente completos.

Caracterizam-se pelas suas pastas heterogéneas, onde se podem visionar grãos médios, de fabrico manual ou a torno lento, sendo a cozedura e tonalidade da pasta bastante variável de peça para peça.

Estes pequenos púcaros são providos de uma asa de secção oval que arranca do bordo e termina na parte baixa do bojo. São formas de perfil em S semelhantes às panelas de uma asa que já referimos, mas de menores dimensões. Os seus bordos fazem uma pequena inflexão externa embora não apresentam ressalto e os seus lábios são boleados. O colo é esvasado e muito curto, parecendo fazer uma ligação quase directa com as paredes de curvatura convexa. É nos seus fundos que residem as únicas diferenças, pois ora são planos (n.º 96), ora se apresentam convexos (n.º 127). Não têm qualquer decoração.

A circulação destes pequenos púcaros de uma asa abarca um período que pode ir do século VI ao século IX. Embora pareçam existir alguns paralelos no mundo visigótico, a cronologia mais adequada parece ser a emiral (séculos IX/X), a julgar por paralelos de peças recolhidas em El Zambo, Novelda (Gutiérrez Lloret, 1988, p. 89, Z10).

Jarrinhas: tipo 8 do inventário

São geralmente utilizadas como louça de mesa, para servir líquidos e beber; no entanto, podiam também ir ao lume para aquecê-los.

Parece consensual poder afirmar-se que a sua produção se iniciou no século X. É assim considerada como uma forma tipicamente islâmica e que vem, de certa forma, substituir os pequenos púcaros de uma asa que se mantêm até aos séculos IX/X.

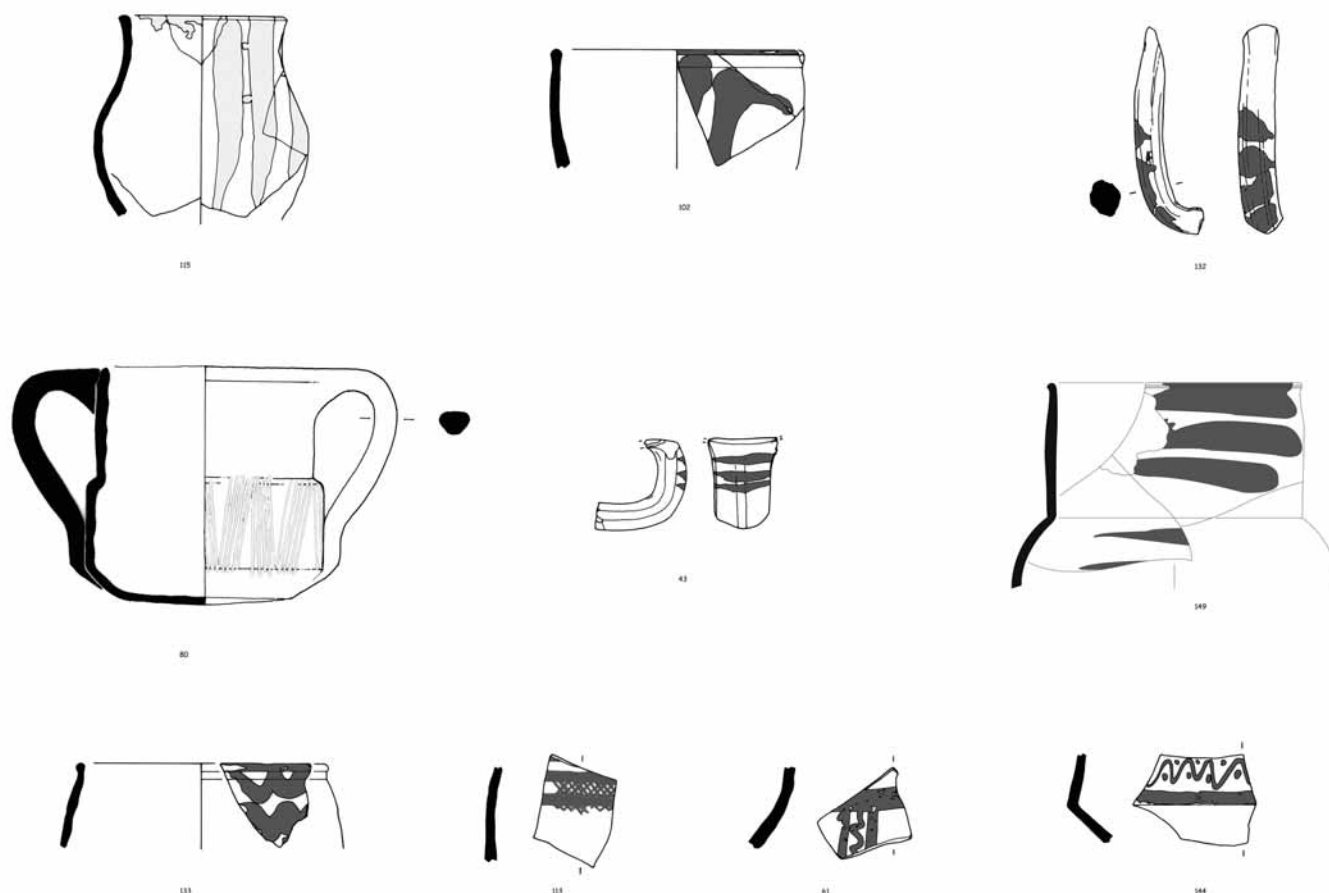


Fig. 16 Materiais islâmicos de Barradas: recipientes de cozinha e mesa.

No geral caracterizam-se por possuírem duas asas verticais que partem do bordo ou colo e terminam junto à base, um colo alto cilíndrico, um corpo globular ou bitroncocónico, sendo o seu fundo normalmente plano, podendo também apresentar-se abaulado ou convexo. Surgem regularmente com pinturas no colo, no bojo e por vezes nas asas (n.ºs 43, 109, 132) e nos lábios (n.ºs 63, 141).

Foi quase possível reconstituir completamente um exemplar e identificar alguns fragmentos de bordo e até de bojo que também incluímos com algumas reservas neste grupo.

A peça n.º 80 apresenta um bordo com lábio direito ou boleado com inflexão, colo cilíndrico, corpo globular, fundo reentrante convexo e asa vertical. É detentor de uma pasta bem porosa com elementos não plásticos bem distribuídos. Encontra-se pintado a branco no bojo, embora o desgaste que sofreu nos leve a considerar que esta se estendia pelo colo, bordo e provavelmente asa. Retrata um jogo de bandas e traços de pintura a cru de cor branca sobre a superfície de cor laranja. Existe na Alcáçova do Castelo de Mértola (Torres, 1987, n.º 15) um exemplar idêntico a este, datado do século X.

De facto, nem todos os materiais que divulgamos neste grupo são providos de forma. Os bordos oscilam entre o lábio direito boleado e o lábio com pequeno ressalto externo, os colos são sempre cilíndricos e é a decoração que comporta mais variações. É na época emiral que surge a pintura a óxido de ferro (Gutiérrez Lloret, 1993, p. 54) sob a forma de pinceladas isoladas e traços rectos simples ou associados formando triângulos.

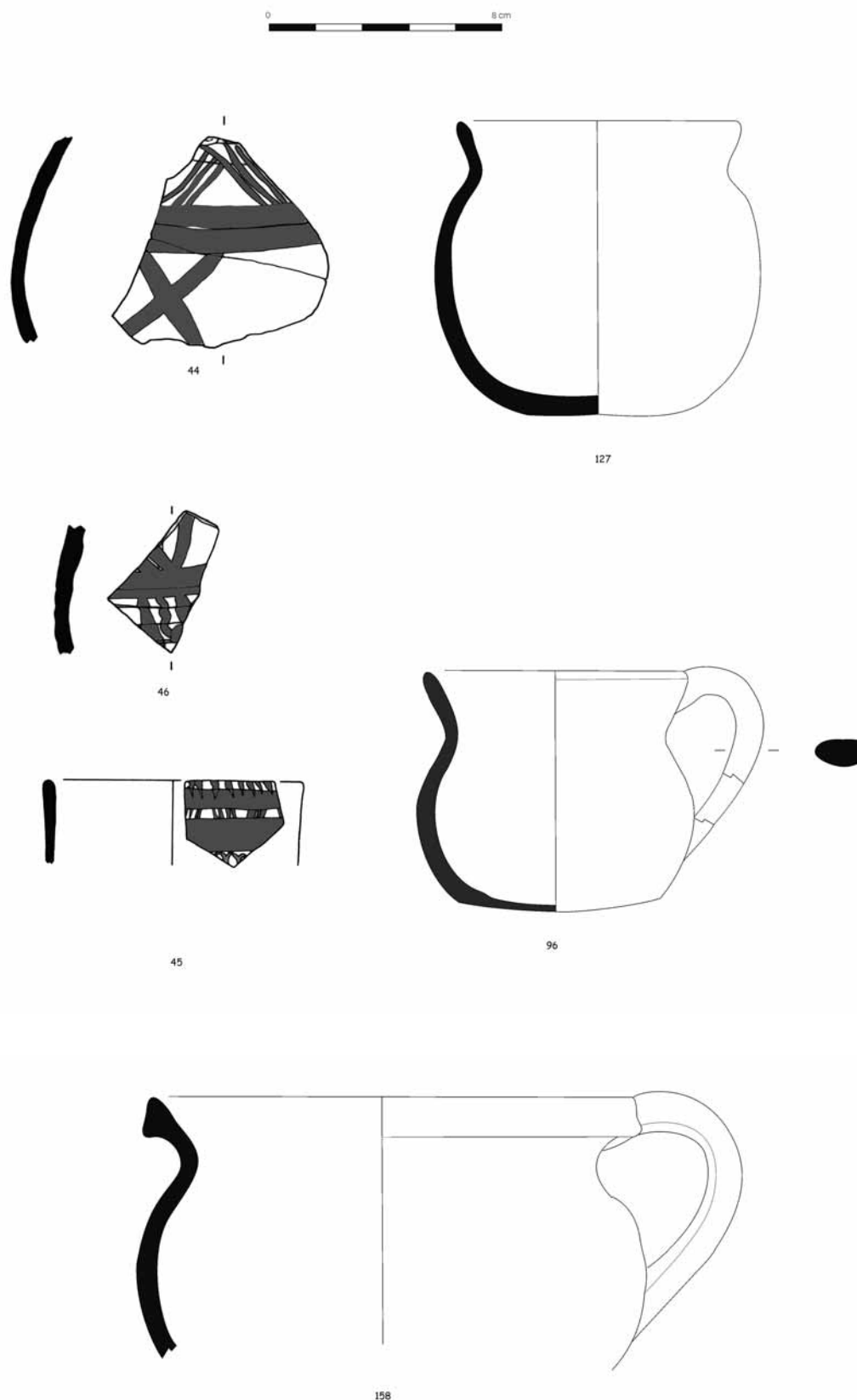


Fig. 17 Materiais islâmicos de Barradas: recipientes de cozinha e mesa.

Para além da pintura a branco sobre superfícies laranjas/avermelhadas (n.º 115), assistimos à pintura a óxido de ferro em superfícies creme/rosadas sob a forma de simples pinceladas (n.º 133) e triângulos (n.º 113) que se incluem num primeiro grupo de época emiral. Juntamente a isto enumeramos também um conjunto de fragmentos pintados a óxido de ferro (n.ºs 61, 102, 144, 149) e a óxido de manganês (n.ºs 44, 45, 46) sobre superfícies mais claras ou brancas com motivos aparentemente mais complexos que os anteriores, que enquadrámos já num período pré-califal ou califal (século XI).

Jarro: tipo 11 do inventário

Este recipiente, que serviria para levar líquidos à mesa, caracteriza-se essencialmente pelo seu corpo globular ou bitroncónico e pela existência de um bico vertedor cilíndrico no lado oposto à sua única asa.

Identificámos uma peça que poderá ser classificado como jarro (n.º 53), embora com algumas dúvidas, pois dele apenas contamos com o colo e arranque de asa. Detentor de um colo cilíndrico e de uma asa de secção oval, este fragmento conta com uma pasta pouco homogénea. É visível, no colo, a presença de traços pintados a branco sobre a superfície laranja/avermelhada.

Bule: tipo 24 do inventário

Estes recipientes utilizar-se-iam para servir líquidos ou preparar infusões. São, geralmente caracterizados pela presença de um bico vertedor cilíndrico no lado oposto à sua única asa e por contarem com um bordo alargado e um corpo globular. Identificámos um exemplar que resolvemos enquadrar nesta categoria apesar de dele apenas restar um pouco da asa, bordo e arranque do bojo (peça n.º 158). Este possui um bordo triangular com inflexão externa, colo esvasado, corpo globular e uma asa de secção oval.

Recipientes de armazenamento de alimentos

Potes: tipo 12 do inventário

Recipientes de apoio complementar de cozinha, estes serviriam para armazenar alimentos ou produtos sólidos.

Estes elementos de pequena ou média dimensão apresentam semelhanças morfológicas com as panelas. É o caso da peça n.º 110, semelhante a uma panela, embora a inexistência de marcas de exposição ao fogo e a ausência de asas faça com que classifiquemos este exemplar, que se encontra praticamente completo, nesta categoria. Dotado de um lábio boleado com inflexão externa sem ressalto, apresenta um colo curto e esvasado, corpo globular e um fundo plano. Este objecto, produto de um fabrico manual ou a torno lento, é constituído por pastas grosseiras de grãos médios e grossos.

A peça n.º 150 foi integrada nesta categoria formal com algumas reservas, pois embora apresente uma forma idêntica aos restantes (lábio com ressalto externo e colo esvasado), conta com uma decoração integral (bordo, colo e bojo) a óxido de manganês que retrata séries de bandas e traços de pintura a cru.

Foram igualmente classificados alguns fragmentos de pança como possíveis constituintes de potes, tanto pelas suas dimensões como pelas suas características. Estes bojos globulares de textura pouco homogénea e de fabrico em torno alto de rotação regular apresentam uma decoração pintada a branco, sobre as superfícies laranjas, com motivos que retratam círculos e segmentos de círculos (peça n.º 104).

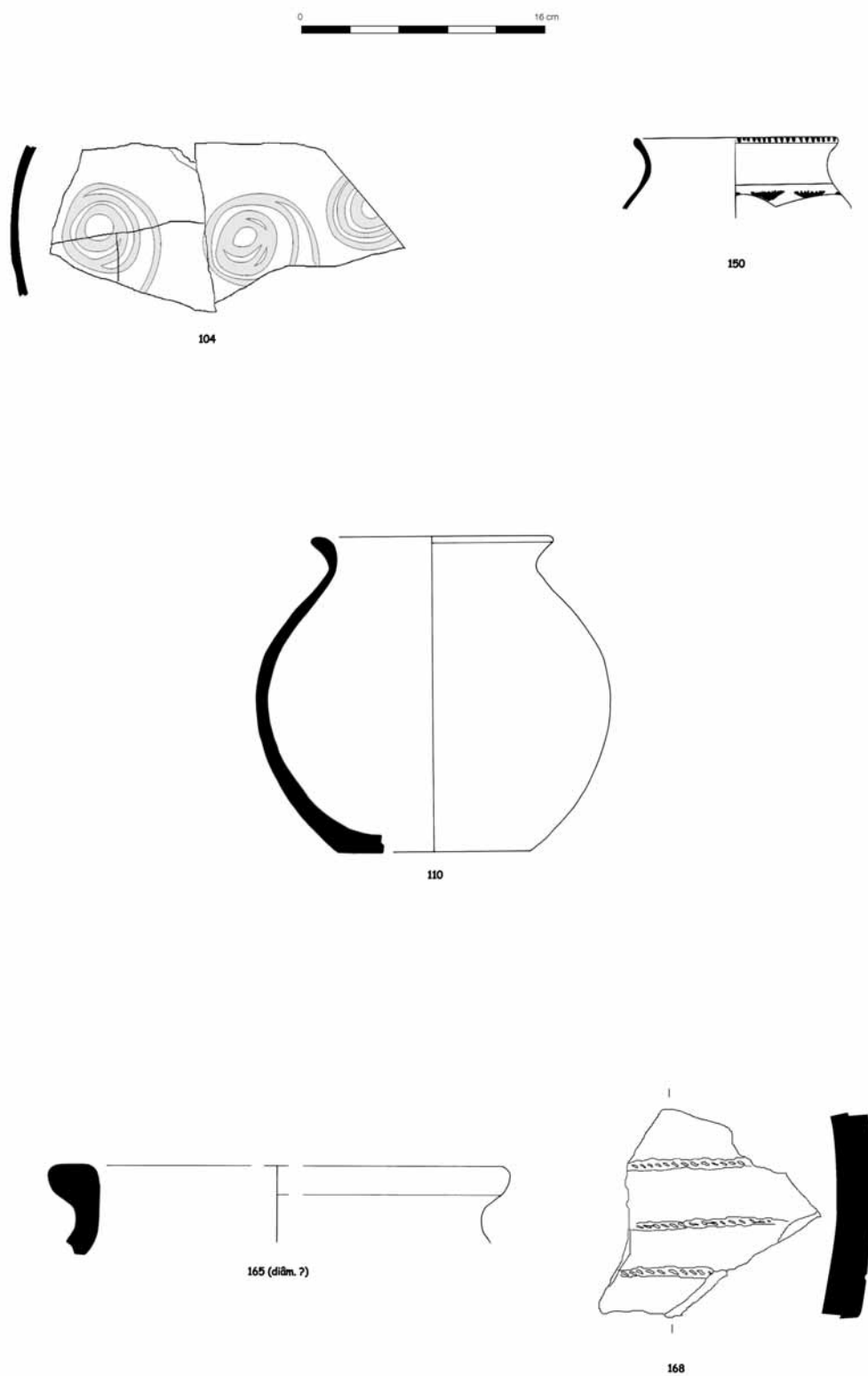


Fig. 18 Materiais islâmicos de Barradas: recipientes de armazenamento.

Talhas: tipo 13 do inventário

Estes grandes contentores serviriam para o armazenamento de alimentos sólidos (cereais...) ou líquidos (vinho, azeite...). As grandes talhas encontram os seus precedentes nos *dolia* da época romana que, entre finais do século V e, finais da época bizantina, se individualizam pela presença de decoração incisa no ombro.

De facto, o n.º 169 representa um bordo com grandes semelhanças aos *dolia* romanos. O bordo boleado sem inflexão apresenta uma orientação horizontal, evoluindo imediatamente numa grande pança globular, denotando-se a ausência do comum colo que geralmente faria essa ligação.

A peça n.º 168 pertence à pança ou ombro de uma talha que aqui apresenta uma decoração baseada em três cordões incisivos, bastante comum nesta estação. Este tipo de decoração é comum às talhas e a alguns alguidares identificados no sítio medieval/moderno de Cotifo 3, distando apenas alguns quilómetros para poente de Barradas (Silva, 2001, p. 8), documentando a manutenção deste padrão decorativo a nível local durante vários séculos.

Por sua vez, o bordo em aba de secção arredondada com inflexão ou voltada para o exterior (peça n.º 165), apesar de ligeiras diferenças, parece assemelhar-se a um dos exemplares identificados na Alcáçova de Santarém (Arruda e Viegas, 1999, p. 166, fig. 14, n.º 2).

*Recipientes de armazenamento e mesa, só para líquidos**Cântaros: tipo 14 do inventário*

Estes recipientes de média ou grande dimensão serviriam para guardar ou transportar água. Morfologicamente podem-se distinguir de outras formas por disporem de um colo alto, duas asas verticais que partem do colo e terminam no bojo, um corpo globular ou ovóide e um fundo plano.

Recolheram-se alguns fragmentos de bordos e bojos de cântaros de várias dimensões, e num exemplar foi quase possível fazer a sua inteira reconstituição, ficando apenas em falta o lábio ou bordo e uma asa. Esta peça (n.º 100) conta com um colo cilíndrico, um corpo globular, fundo plano e uma asa com depressão longitudinal. Ao contrário de outros cântaros, este é provido de uma pasta pouco homogénea de grãos finos e médios. Trata-se de uma cerâmica comum em que a falta do bordo dificulta a obtenção de paralelos.

O fragmento n.º 66 distingue-se do grupo pelo seu bordo de lábio aplanado e asa igualmente aplanada.

O fragmento de bordo e colo correspondente à peça n.º 157 apresenta um lábio pendente e triangular, colo cilíndrico e asa com depressão longitudinal. O lábio e o colo são decorados, com traços e linhas respectivamente, pintados a branco. Uma peça idêntica foi identificada na Alcáçova de Santarém (Viegas e Arruda, 1999, p. 164, fig. 13, n.º 10).

Outra peça (n.ºs 123/124), de bordo boleado em aba envasado, colo cilíndrico, asa vertical em fita e corpo globular, apresenta uma decoração pintada a óxido de ferro sobre a superfície de pasta beije, no lábio, colo e asa em traços rápidos e sobre o ombro em ziguezague. Da Alcáçova de Mértola provém um dos seus paralelos (Silva e Mateus, 1991, p. 525, fig. 73) que se encontra situado no século X/XI. Uma asa (n.º 109) com o mesmo tipo de decoração materializada por traços rápidos foi também integrada neste grupo com algumas reservas.

Recolheram-se ainda dois fragmentos de fundos em ônfalo (n.ºs 159 e 167), de pasta homogénea de cor alaranjada muito clara ou rosada, que parecem assemelhar-se aos dos cântaros recolhidos em Silves por Rosa Varela Gomes, também datados dos séculos X/XI.

Por fim, classificámos a peça 128 como cântaro, embora com algumas reservas. Este exemplar de bordo boleado e corpo globular apresenta um curto colo cilíndrico e uma decoração incisa sobre o ombro semelhante às do período tardo-romano (séculos VII/VIII).

Bilhas: tipo 15 do inventário

Tais como os anteriores, estes recipientes destinavam-se a guardar ou levar líquidos à mesa. Geralmente distinguem-se por possuírem uma ou duas asas verticais, colo alto e corpo ovóide ou globular que remata num fundo plano.

Este tipo encontra-se mal representado em relação ao conjunto, pois apenas dispomos de um fragmento (n.º 91) que se apresenta um pouco deteriorado e que assim obriga a colocar reservas à sua classificação. Conta com um colo cilíndrico e paredes de curvatura convexa ou corpo globular. Parece tratar-se de um fabrico manual bastante grosseiro e depois de analisarmos a sua forma julgamos poder avançar com a hipótese de estarmos perante um recipiente de época visigótica.

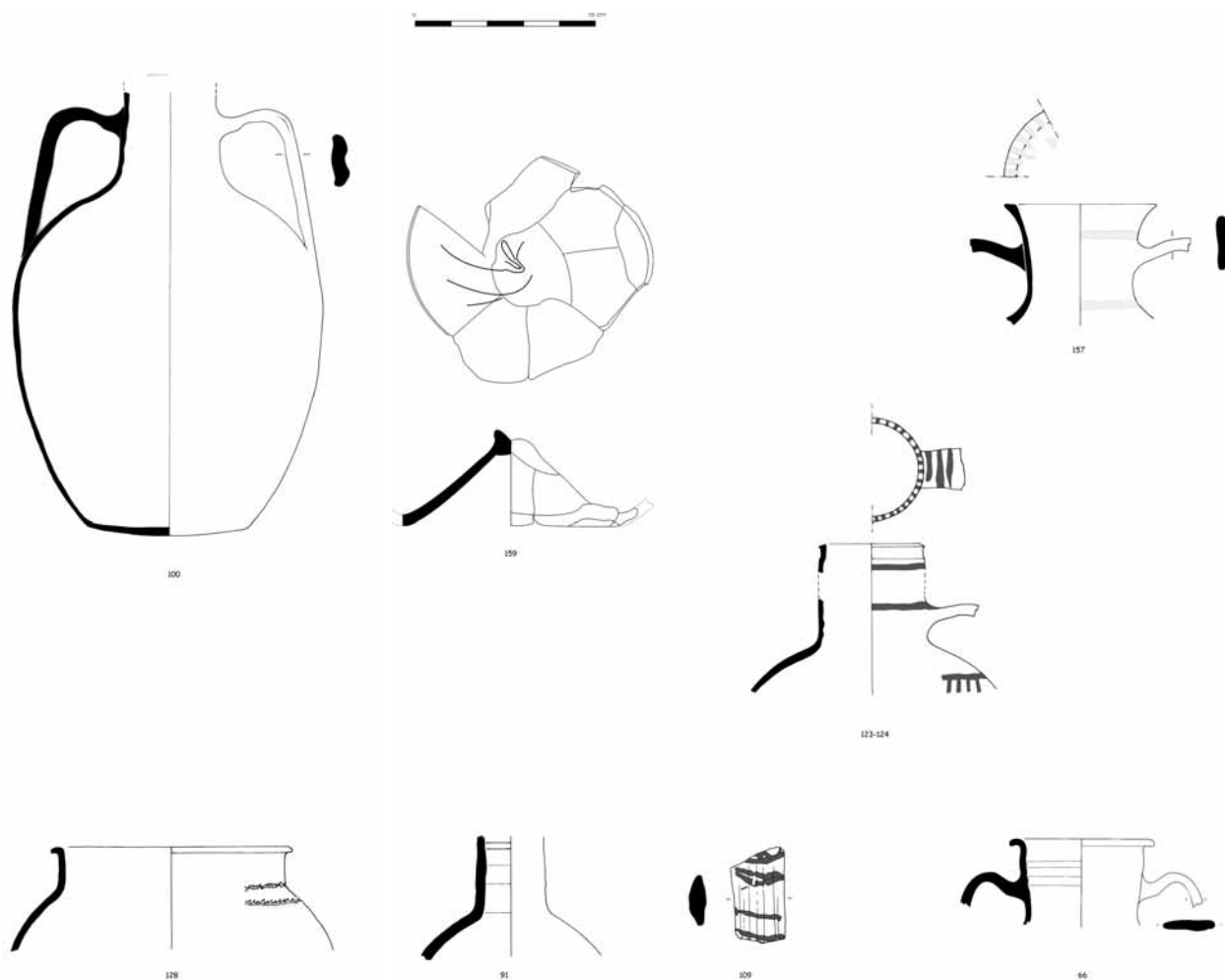


Fig. 19 Materiais islâmicos de Barradas: recipientes de armazenamento e mesa só para líquidos.

Contentores de fogo para iluminação

Candeias: tipo 19 do inventário

Estes objectos, tipicamente islâmicos, relacionados com a iluminação, estão escassamente representados neste conjunto. Contamos apenas com uma peça deste tipo que se encontra reduzida apenas ao seu bico (n.º 95; Fig. 21).

Trata-se de um bico curto, fusiforme quase prismático, a terminar em ponta, constituído por uma pasta homogénea de grãos finos, de cor creme claro esbranquiçado com um fabrico em torno alto regular. Não foi identificada qualquer decoração ou superfície vidrada. Quanto à sua periodização, certamente islâmica, uma vez que não apresenta qualquer semelhança com os antigos tipos de lucernas romanas ou tardo-romanas, parece situar-se entre os séculos VIII e X, pois encontra paralelos junto da variante 19 A1 de Helena Catarino (1997-1998, p. 801), que se aproxima da série T 33.3.2 de Sonia Gutiérrez Lloret (1988, p. 124, fig. 50).

Recipientes de cozinha e higiene pessoal

Alguidares: tipo 16 do inventário

Os alguidares caracterizam-se por serem recipientes de média e grande dimensão utilizados para lavar e preparar os alimentos, amassar o pão, mas também para actividade de higiene pessoal. São formas abertas, de base plana e paredes geralmente troncocónicas ou rectilíneas divergentes.

No conjunto seleccionado foi possível identificar cinco formas distintas. As divergências entre elas residem essencialmente nos bordos. Para além disso, reflectem uma evolução morfológica entre períodos diferentes.

A peça n.º 117 apresenta um bordo com espessamento exterior, um fabrico manual e grosseiro e na superfície interna possui uma decoração incisa ondulada realizada antes da cozedura, ainda com a pasta mole. Não nos foi possível encontrar nenhum paralelo directo, mas, pela sua decoração, pensamos que podemos compará-la às cerâmicas que surgem em Monte Cildá (Palencia) (Bohigas Roldán e Ruiz Gutiérrez, 1989, p. 47, fig. 8, n.ºs 7 e 8) e em El Gatillo, uma igreja visigótica (Caballero Zoreda, 1989, p. 100, fig. 13, n.º 24). Pelo contexto onde surgem estas cerâmicas, situamos esta forma no período visigótico (século VII).

O n.º 79 apresenta um bordo de lábio aplanado com ressalto externo e é também de fabrico manual ou a torno lento, com pasta grosseira.

A peça n.º 116 tem, por sua vez, um lábio boleado com inflexão externa mas sem ressalto. Apesar de ser uma produção grosseira, é já um fabrico a torno alto irregular, sendo visível no seu interior as marcas dos dedos do oleiro.

A peça n.º 125 conta com um bordo inflectido com espessamento externo e parece também, com a sua pasta grosseira, ter sido produzido a partir da técnica de torno alto irregular.

Estas três formas, apesar destas pequenas diferenças morfológicas do bordo, parecem assemelhar-se à variante 16 A de Helena Catarino (1997-1998, p. 808), que a situa no período emiral (século VIII-X). Segundo esta autora, trata-se de formas de tradição tardo-romana com paralelos em território português, nos respectivos níveis de destruição de Conímbriga (Alarcão e Étienne, 1975, pl. XXXI, 649 A; pl. XXXII, 658).

Por último, o fragmento n.º 2 mostra-se sensivelmente distinto dos anteriores, pois possui um lábio direito, boleado e sem inflexão. No seu interior, a superfície apresenta-se coberta por

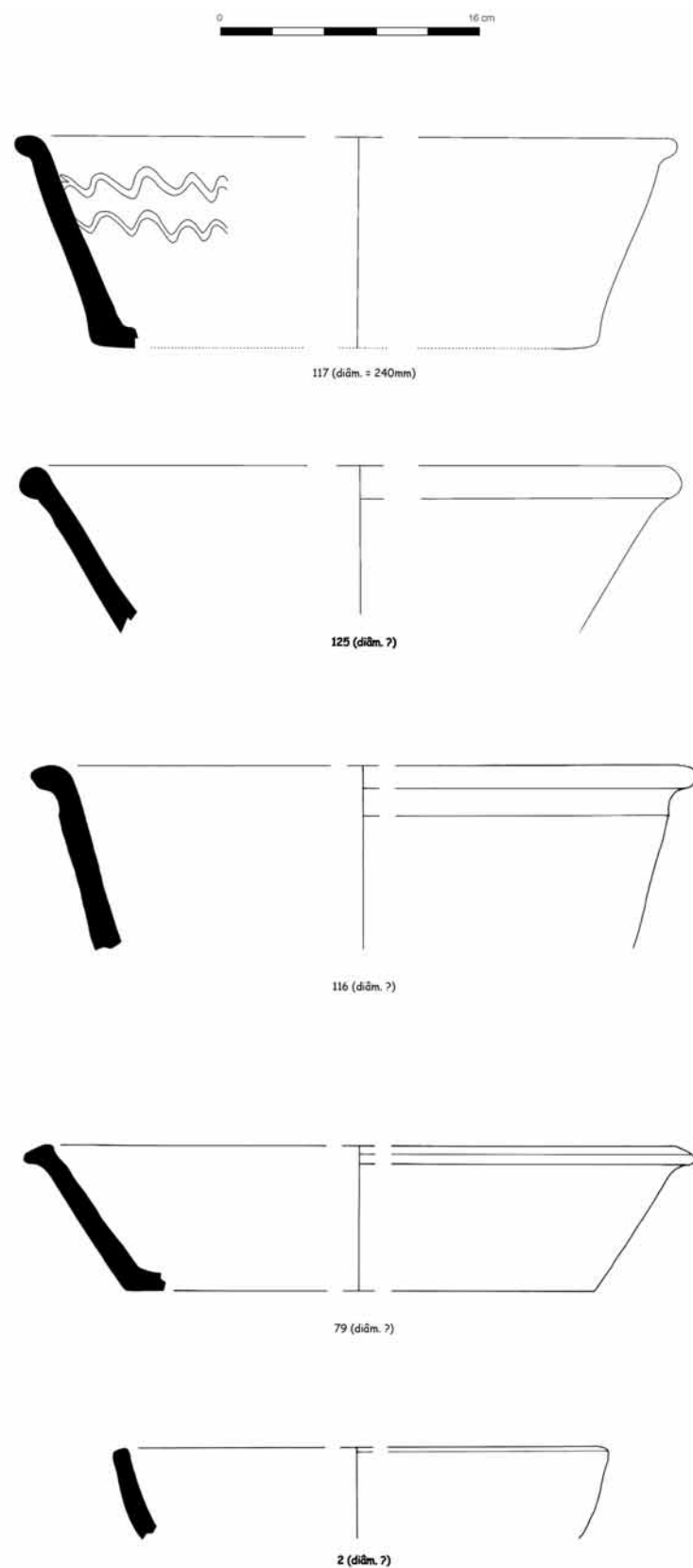


Fig. 20 Materiais islâmicos de Barradas: recipientes de cozinha e higiene pessoal.

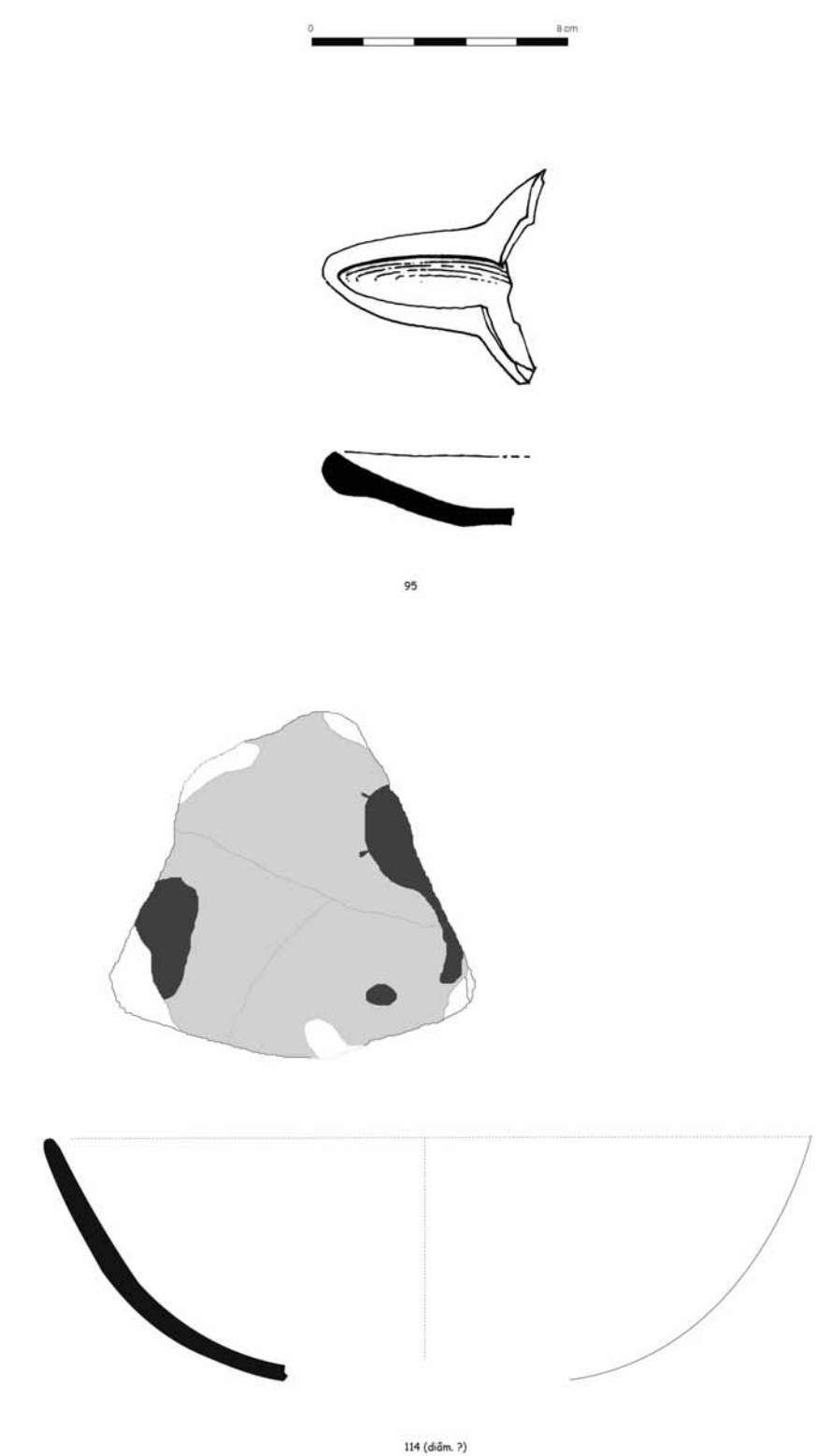


Fig. 21 Outros materiais islâmicos de Barradas.

um engobe avermelhado, existindo ainda vestígios de um brunimento, que se utilizaria com o intuito de se ganhar uma melhor impermeabilização. Encontramos os seus paralelos junto à variante 16 B de Helena Catarino (1997, p. 808), que se aproxima da série M 28.1 de Sonia Gutiérrez Lloret (1996, p. 93-94, fig. 27). Esta forma é datada do período califal.

5.3.4. Material lítico pré-histórico

No que diz respeito ao material lítico pré-histórico, apresentamos um possível peso de rede, uma goiva, um machado de pedra polida, um dormente e um movente de mó manual (Fig. 13).

O machado encontra-se todo polido embora mais intensamente na zona do gume. Apresenta um contorno trapezoidal, de secção subcircular, alongado e de gume convexo, mostrando algum desgaste. Os machados de pedra polida têm um amplo espectro cronológico que se estende a quase toda a Pré-História recente, embora os de secção circular sejam geralmente considerados como os mais antigos (Leisner, 1985, p. 52).

O peso de rede, que se apresenta fragmentado, conta com um contorno circular e uma secção suboval. A goiva, que se encontra igualmente fragmentada, reduzida ao gume, apresenta um contorno subtrapezoidal e uma secção quadrangular. O gume é estreito, em forma de bisel cavado e as suas superfícies realçam um polimento intenso e cuidado. O movente apresenta um contorno circular, secção subcircular e conta com uma das superfícies residualmente polida.

5.3.5. Material numismático

A moeda recolhida no enchimento da fossa 32 (U.E. 2, Sond. P) é um *follis* de bronze do tempo do imperador Maximiano (294-305 d.C.), desconhecendo-se o centro emissor. Pesa 6,9 g e mede 27 mm no eixo maior e o 24,2 mm no eixo menor. No anverso, pode-se ler IMP C MAXIMIANVS [S P F AVG], observando-se ainda uma cabeça laureada, voltada à direita. No reverso, pode-se ler [GEN]IO POPV-[LI ROMANI], observando-se ainda uma figura de pé, voltada à esquerda, segurando uma *patera* com a mão direita.

5.3.6. Material antropológico

Identificaram-se algumas ossadas humanas depositadas na base da fossa 21 (UE7SD). Estes ossos não se encontravam em posição anatómica, embora constituíssem pequenos agrupamentos. O seu estado de conservação era bastante precário, limitando fortemente o seu potencial informativo. No entanto, foi possível identificar três indivíduos adultos, um dos quais é seguramente de sexo feminino e os dois outros de sexo indeterminado. Um dos indivíduos teria mais de 25 anos, apresentando dentes sem cáries, embora se verificasse um desgaste acentuado nos molares, talvez derivado do consumo, em grandes quantidades, de bivalves marinhos. Embora nenhum dos esqueletos esteja completo, alguns ossos pequenos encontravam-se juntamente com os ossos maiores, muito mais numerosos. Este facto sugere que não se trate de uma inumação secundária, mas sim de um enterramento primário que foi perturbado pela abertura da fossa 21.

6. Considerações finais

6.1. A ocupação pré-histórica

Uma rápida leitura da Tabela 2 permite verificar que apenas as fossas 5 e 8 poderão ter uma cronologia pré-histórica. De facto, as restantes fossas contêm no seu enchimento material cerâmico feito a torno, de cronologia seguramente histórica. Porém, este indicador não é em si suficiente para demonstrar que estas duas fossas tenham sido preenchidas no período pré-histórico, uma vez que a cerâmica manual reaparece na Baixa Idade Média, sendo por vezes difícil distinguir estes dois tipos de produção, como vimos anteriormente. Por outro lado, foram apenas recolhidos três fragmentos de cerâmica no enchimento da fossa 5, o que é claramente insuficiente para datá-la com segurança. No entanto, um dormente de mó manual, de cronologia seguramente pré-histórica, foi recolhido nessa fossa. O enchimento da fossa 8, por sua vez, já revelou a existência de 103 fragmentos de cerâmica, exclusivamente de fabrico manual. Pelas suas características tipológicas, 23 destes fragmentos são seguramente pré-históricos. A funcionalidade desta fossa de tipo elipsoidal resta por desvendar.

A análise tipológica do espólio recolhido durante os trabalhos permitiu identificar igualmente materiais de cronologia pré-histórica no enchimento das fossas 11, 12, 18, 22, 26, 33, 34, 35 e 36, embora sempre acompanhados de materiais islâmicos, o que nos leva a aceitar o seu carácter residual. Estas fossas situam-se todas na área central da zona de intervenção, sobrepondo-se em grande parte à mancha de materiais pré-históricos detectados à superfície. As ocupações posteriores do sítio terão certamente perturbado os vestígios deste período, que aparecem quase exclusivamente em contextos de deposição secundária. Por este motivo, pouco se pode avançar sobre esta ocupação. A cultura material permite, no entanto, adiantar algumas pistas. Em primeiro lugar, a cronologia dos materiais identificados estende-se do Neolítico Final/Calcolítico Inicial ao Calcolítico Final, se aceitarmos a classificação da peça n.º 97 como imitação de um vaso campaniforme. As peças supra-referidas abrangem assim um intervalo cronológico com uma amplitude de cerca de 1000 anos (cerca de 3000-2000 cal BC), porém este intervalo será bem mais curto se omitirmos a possível imitação de vaso campaniforme (peça n.º 97), de classificação duvidosa.

A presença destas cerâmicas no local parece documentar uma ocupação habitacional deste espaço. A prática da pesca pelos ocupantes deste sítio, documentada por um possível peso de rede lítico e da metalurgia do cobre, documentada por um possível cadinho, é provável, embora seja pouco segura. Parte da abundante fauna malacológica omnipresente no local poderá ter sido consumida pelos ocupantes pré-históricos do sítio, como o atesta a sua presença no enchimento da fossa 8. O machado e a goiva de pedra polida remetem por sua vez para o trabalho da madeira, e poderão relacionar-se com a desflorestação inerente à actividade agrícola, que se depreende da descoberta do dormente e do movente de uma mó manual e, de forma indirecta, pela presença de taças e de pratos no registo arqueológico, geralmente associados ao consumo de cereais (Gonçalves, 1989, p. 165, 1991, p. 91). O cossoiro e o peso de tear anteriormente referidos documentam por sua vez indirectamente a prática da pastorícia. Vislumbra-se deste modo uma comunidade com uma economia de espectro amplo, onde a prática agro-pastoril é completada naturalmente pelo aproveitamento dos recursos locais.

Tendo em conta a sua proximidade, o menir de calcário localizado anteriormente no lugar dito “Pedra Branca” poderá igualmente relacionar-se com esta ocupação do sítio na Pré-História Recente.

6.2. A ocupação romana

Como já referimos anteriormente, a raridade do material de cronologia romana à superfície e nomeadamente a quase ausência de material de construção cerâmica invalida a existência de uma ocupação habitacional do sítio durante este período. Esta observação foi confirmada pelos resultados da escavação, uma vez que a análise tipológica permitiu apenas detectar duas peças romanas (n.ºs 76 e 83) no enchimento das fossas 19 e 23. Porém, cinco peças de cronologia emiral fixam neste período o *terminus post quem* do enchimento da fossa 19. Por sua vez, a peça romana identificada na fossa 23 entre 236 outros fragmentos de cerâmica de cronologia indeterminada parece insuficiente para fixar nesse período o momento do enchimento desta fossa. Por sua vez, a moeda baixo-imperial recolhida no enchimento da fossa 35 não pode igualmente ser considerada como um indicador cronológico fiável, uma vez que se encontrava no mesmo contexto que uma peça de cronologia pré-histórica, duas de cronologia emiral/califal e duas de cronologia seguramente emiral. Em todos os casos acima referidos, é de supor o carácter residual destes materiais.

Estes materiais apresentam um espectro cronológico bastante amplo, desde o século II até ao Baixo-Império e mesmo até aos finais do século VI/inícios do século VII se associarmos a eles o prato de tipo *Late Roman C* (n.º 27) recolhido no enchimento da fossa 9. Em última análise, a sigillata hispânica (n.º 83) poderá pertencer a produções mais tardias, o que reduziria significativamente o espectro cronológico do conjunto. Para além destas peças, recolheu-se um fragmento de *tegula* na fossa 11, bem como um fragmento de *opus caementitium* e uma moeda na fossa 35.

Os três enterramentos perturbados pela abertura da fossa 21, que continha 81 fragmentos de cerâmica de tipologia indeterminada, poderão enquadrar-se numa utilização funerária do local durante este período, como o sugere o achado de uma pequena bilha (n.º 76), normalmente associada a este tipo de contextos, no Sul de Portugal (Nolen, 1985). A intensa ocupação do espaço envolvente no período romano abona igualmente neste sentido e explica talvez a presença de outros tipos de materiais, mais inusuais neste tipo de contextos, como a ânfora e o *opus*.

6.3. A ocupação islâmica

A maior parte das estruturas detectadas e dos materiais observados durante os trabalhos enquadra-se no período islâmico. De facto, cerca de 70% das peças para as quais se conseguiu definir uma cronologia e o *terminus post quem* (tpq) do enchimento de 18 das fossas escavadas datam seguramente desse período (Fig. 6; Tabela 4). Existe, porém, uma fossa cujo *tpq* remonta ao período romano (F23) e duas outras cujo *tpq* remonta ao período visigótico (F9 e F14), para além das duas fossas de cronologia pré-histórica (F5 e F8). Como já vimos anteriormente, o enchimento da fossa 23 será bem posterior ao fabrico da única peça romana aí detectada. A fossa 9 revelou apenas 7 fragmentos de cerâmica, dos quais um fragmento de *Late Roman C*, o que parece igualmente insuficiente para atribuir uma cronologia romana ou tardo-romana ao momento do seu enchimento. O mesmo se pode dizer da fossa 14, no enchimento da qual se identificou a peça n.º 67, de cronologia visigótica, entre 19 outros fragmentos incaracterísticos. Por outro lado, já adiantámos anteriormente que a cultura material do período emiral manteve modelos herdados do período visigótico, alguns dos quais tinham a sua origem no período tardo-romano, o que pode basear a datação das estruturas apenas com base nessas peças. Por todos estes motivos, pressupõe-se que, à excepção da fossa 5 e 8, as 35 outras fossas, os derrubes, o muro e o tanque detectados no quadro desta intervenção se relacionam com a ocupação islâmica do sítio. O tipo de

estruturas detectadas, a abundância da cultura material e dos vestígios faunísticos atestam que se trata de uma ocupação habitacional, como de resto já o deixavam entender os resultados da prospecção de superfície. Esta ocupação ter-se-á iniciado logo no período emiral. O sítio terá sido abandonado já no período califal, não se observando nenhum artefacto, no enchimento das fossas, que seja posterior ao século XI. Muitas das estruturas detectadas poderão ter sido condenadas durante o período emiral se admitirmos que o *tpq* fornecido pelos artefactos contidos no seu enchimento seja penecontemporâneos com esta acção, o que está por demonstrar. Uma análise mais fina da cronologia da utilização e do abandono dessas estruturas é de resto dificultada pelo facto de serem raras as sobreposições de estruturas e pelo facto de não ser possível precisar a cronologia de cerca de 51% das peças classificadas como islâmicas.

		CRONOLOGIA							TOTAL
		0	1	2	3	4	5	6	
FOSSA	2					1	1	1	3
	8		23						23
	9				1				1
	11		1		1	2			4
	12	4	1			1	4	25	35
	14				1				1
	17					2			2
	18	1	3		1	1			6
	19			1		5			6
	22		1					1	2
	23			1					1
	24	1			1	10			12
	25					2			2
	26		1			1			2
	27	1							1
	28					1			1
	29	3			3	7	1	6	20
	30					2		5	7
32					1			1	
33	1	1		3	1		4	10	
34	2	3			2	2	10	19	
35	1	1			2		2	6	
36		1				2		3	
TOTAL		14	36	2	11	41	10	54	168

Tabela 4 Tabela de contingência da cronologia das peças do inventário por fossa. As contagens referem-se às peças que constituem o catálogo do material cerâmico. As fossas que não proporcionaram o achado de cerâmicas integradas no catálogo foram excluídas desta tabela.

É certa a vocação agro-pastoril deste estabelecimento. A prática da agricultura está documentada pela descoberta de duas mós manuais giratórias completas e nove fragmentos no enchimento das fossas e de um fragmento recolhido à superfície próximo da área de intervenção. Estas mós foram quase todas talhadas num calcário bem distinto do presente no local. O seu carácter conquífero assemelha-se ao dos explorados na Mexilhoeira da Carregação, onde se conhece uma mina antiga de extracção de mós (Gomes, 2002, p. 70). As talhas (peças n.ºs 165, 166, 168 e 169) provenientes dos enchimentos das fossas 18, 24 e 36, usadas para a conservação das azeitonas e do azeite indiciam a prática da oleicultura (Gomes, 2002, p. 12). As oito fossas de tipo silo identificadas no quadro desta escavação documentam por sua vez o armazenamento *in situ* dos produtos cultivados, provavelmente de cereais. Embora não se tenham recolhido grãos de cereais no seu seio, como por vezes acontece (Catarino, 1995, p. 13), a própria tipologia destas estruturas não deixa dúvidas quanto à sua funcionalidade. O estreitamento do topo deste tipo de fossas, conferindo-lhe um perfil garrafal, visa minimizar a zona de contacto entre o exterior e os produtos armazenados no seu interior. O armazenamento subterrâneo de produtos alimentares, e principalmente de cereais, está documentado através das fontes clássicas desde o período romano na Península Ibérica, nomeadamente em *Oscá (Hispania Citerior)*, e no Norte de África (Cartago). É no entanto no período islâmico que atinge o seu auge. Na época moderna, a utilização de silos ainda era comum em várias regiões de Espanha e perpetua-se ainda hoje no norte de África, onde se podem procurar paralelos etnográficos (Sigaut, 1978, p. 21). Na região d'El Asnam (Argélia), os silos (*matmorra*) utilizados pelos camponeses para armazenarem as suas colheitas têm cerca de 3 m de profundidade e um perfil garrafal. No final dos trabalhos de escavação, recorre-se por vezes ao fogo para matar os insectos que se encontram nas terras envolventes. As paredes são revestidas por uma massa feita de palha fina, caulino e água. Uma camada de palha moída é depositada no fundo, geralmente plano. O silo é de seguida preenchido com grão até ao topo que é coberto por uma camada de palha grossa e outra de palha fina que é por sua vez coberta por uma camada de terra, formando um pequeno montículo artificial que sobressai do solo. Recorre-se por vezes a uma mó para cobrir o topo. Este facto pode explicar a presença de mós ou fragmentos de mós no enchimento de alguns dos silos de Barradas (F16, F25 e F32; Foto 18). Em sua volta é escavado um pequeno rego, com cerca de 0,3 m de profundidade, facilitando o escoamento das águas pluviais (Sigaut, 1978, p. 118). Em terrenos elevados, com solos argilosos e vermelhos como aqueles onde se encontra o sítio de Barradas, estas medidas são suficientes para preservar o grão durante algumas dezenas de anos (Sigaut, 1978, p. 53).

Podemos perguntar-nos se o elevado número de silos detectados em Barradas não seria superior às necessidades de armazenamento dos habitantes do assentamento, servindo ainda para armazenar as colheitas de estabelecimentos vizinhos, existindo igualmente paralelos deste fenómeno na África do Norte (Sigaut, 1978, p. 117). No entanto, estes silos podem não ter funcionado todos em simultâneo. De facto, quando sofrem derrocadas ou abatimentos não é possível recuperá-los, devendo ser substituídos (Sigaut, 1978, p. 86). Alguns dos silos escavados em Barradas apresentam de facto um bocal anormalmente largo (por exemplo F31 ou F33), embora seja impossível comprovar que o abatimento parcial da boca do silo não é o resultado de fenómenos pós-deposicionais.

Na região de Zerbad, na Argélia, os *matmorra* coexistem com os chamados “silos dos pobres”. Estes últimos, com cerca de 1,7 m de altura e 1,4 m de diâmetro, são tendencialmente cilíndricos, a base sendo ligeiramente mais estreita que o topo. Este tipo de silo, mais adaptado ao armazenamento de pequenas colheitas, tem a vantagem de ser mais rápido de construir e o inconveniente de servir uma única vez (Sigaut, 1978, p. 117). Estes silos apresentam semelhanças tipológicas

com os oito exemplares do tipo fossa cilíndricas de Barradas. Pode-se então questionar a razão da existência de dois tipos de estruturas com a mesma funcionalidade num mesmo estabelecimento. É admissível que em bons anos agrícolas, quando o volume das colheitas ultrapassasse a capacidade de armazenamento dos silos existentes, os habitantes do estabelecimento escavassem fossas cilíndricas de modo a armazenar os excedentes, que seriam consumidos prioritariamente. As seis fossas de patamar observadas em Barradas têm paralelos em Lérida (Espanha), onde foram interpretadas como silos (Viegas e Arruda, 1999, p. 108). Contudo, esta interpretação não nos parece viável, uma vez que a existência de patamares incrementa fortemente a superfície de contacto entre os produtos armazenados e o exterior, fomentando a sua deterioração precoce. Por outro lado, não temos conhecimento de paralelos etnográficos para a utilização deste tipo de estrutura no quadro do armazenamento subterrâneo de produtos agrícolas. Na Alcáçova de Santarém, este tipo de fossas é bastante comum, admitindo-se que integrariam uma tinturaria de cronologia muçulmana (Viegas e Arruda, 1999, p. 108). Esta interpretação dificilmente se adequa à realidade de Barradas, uma vez que as fossas de patamar se encontram dispersas pela área intervencionada, não formando um conjunto espacialmente coerente como acontece em Santarém. A prática dessa actividade num pequeno estabelecimento rural é por outro lado pouco credível.

É legítimo interpretar algumas dessas fossas com patamar, menos fundas, como estruturas em negativo de fornos de cozer cerâmica. A fossa principal corresponderia à câmara de fogo, que aqueceria a câmara de cozedura, localizada originalmente logo acima, separada da primeira por uma placa de argila perfurada, permitindo a circulação do calor. A alimentação da câmara de fogo em madeira seria feita lateralmente através do patamar que caracteriza este tipo de fossas. Estruturas deste género têm paralelos nos fornos El. 94 e El. 112 do atelier cerâmico almóada de Denia (Alicante, Espanha), que funcionou no século XII e nos inícios do século XIII (Gisbert, 1990, p. 81-85). Como já vimos anteriormente, o achado de dois erros de produção, deformados por excesso de calor (peças n.ºs 30 e 94), atesta a produção local de algumas das loiças em uso em Barradas. Por outro lado, à excepção de F22, o enchimento desse tipo de fossa continha sempre cinzas, por vezes em abundância (F18 e F30), associadas a carvão no caso da fossa 30, documentando possivelmente a combustão de madeira na câmara de fogo. É verdade que não existem vestígios das respectivas câmaras de cozedura, no entanto também é verdade que as estruturas em positivo são quase inexistentes em toda a extensão do sítio. As duas peças acima referidas enquadram-se num tipo de panela datado dos séculos IX/X, de fabrico manual ou de torno baixo intermitente. Este tipo de fabrico surge a partir do período tardo-romano e perdura até ao período emiral. Não deve ser entendido como um retrocesso em relação às produções de torno rápido romanas mas sim como uma melhor adequação a um novo sistema “descomercializado”, adaptado a pequenas comunidades (Gutiérrez Lloret, 1993, p. 44). Uma vez que não requerem um grande domínio técnico nem um equipamento muito sofisticado, produções deste tipo são geralmente domésticas, visando apenas dar resposta às necessidades dos fabricantes, sendo geralmente uma actividade feminina (Catarino, 1997-1998, p. 710). Ambas as peças apresentam pastas grosseiras ou heterogéneas, componentes não plásticos de grão médio ou grossos. Este tipo de pastas é comum a parte das panelas, das saladeiras, dos potes e dos alguidares, bem como à totalidade das pequenas tigelas, dos púcaros, das talhas e dos almofarizes recolhidos em Barradas, sendo admissível a produção deste tipo de peças, ou pelo menos de parte delas, a nível local. As fossas geminadas F20/F24/F26 parecem igualmente ter pertencido a um forno. Como referimos no capítulo “Escavação”, estas fossas comunicam subterraneamente entre elas. Trata-se certamente de uma única estrutura complexa, uma vez que F20 só poderá ter sido escavada late-

ralmente a partir da parede da fossa 24. A câmara de fogo corresponderia a esta última e F20 parece constituir uma respiração ou uma abertura que permitiria ventilar a câmara de fogo com recurso a um fole. A fossa 26 por sua vez permitiria alimentar em combustível o interior da câmara de fogo, uma vez que comunica com ela. O patamar intermédio facilitaria o acesso a esse “átio”. No entanto, não conhecemos nenhum paralelo arqueológico ou mesmo etnográfico para fornos deste tipo. É certo que um dos erros de produção acima referidos (peça n.º 94) foi recolhido no enchimento de F24, onde se registaram algumas cinzas, bem como no enchimento de F26.

É também admissível que algumas das estruturas que interpretamos como possíveis fornos não se relacionem com a produção de cerâmica, mas sim com actividades metalúrgicas, conhecendo-se algumas jazidas de ferro, cobre, manganês e possivelmente de ouro na região (Gomes, 2002, p. 79). De facto, para além da escória observada à superfície, verificou-se a sua ocorrência na fossa 33 e na fossa adjacente F34 (tipo fossa de patamar), onde se registou também a presença de alguma cinza. Mais uma vez, a possibilidade de se terem produzido localmente artefactos metálicos entende-se no sentido de satisfazer as necessidades dos habitantes deste sítio, alfaias como a picareta recolhida no fundo da fossa 22 ou adereços metálicos como o ferro de cavalo recolhido no derrube UE3SE. Este artefacto documenta a criação de equídeos, servindo provavelmente ao transporte de cargas e pessoas e ao apoio aos trabalhos de lavoura. Esta espécie encontra-se documentada desde os séculos IX/X no arqueossítio das Mesas do Castelinho (Almodôvar), em Mértola desde os séculos XI/XIII e em Silves a partir do século XV (Gomes, 2002, p. 25). A fauna mamalógica recolhida no enchimento de vinte fossas testemunha por sua vez do papel alimentar dos mamíferos na economia deste sítio. A existência de um pequeno tanque, interpretado como bebedouro, na área intervencionada poderá indicar a existência de um pequeno rebanho. A abundante fauna malacológica identificada tanto à superfície, como no enchimento de trinta fossas revela o peso dos moluscos na alimentação dos habitantes de Barradas. O mexilhão e a amêijoia e, em menor medida, a ostra, provenientes das zonas estuarinas (Gomes, 2002, p. 23), são as espécies mais representadas. A vieira, espécie marítima, está representada por um único exemplar recolhido a superfície, não se podendo associar com segurança à ocupação islâmica.

Apesar da quase inexistência de estruturas em positivo, é possível propor um modelo de organização espacial do assentamento islâmico com base na informação proporcionada pela prospecção intensiva a par com aquela proporcionada pela escavação das estruturas em negativo e do seu respectivo enchimento. Os dois derrubes de pedra calcária identificados na sondagem E e o muro aí detectado sugerem a existência de estruturas habitacionais nessa área. As paredes dessa construção, provavelmente térrea, poderiam ser de taipa, como é comum nessa região durante esse período e assentariam sobre alicerces em pedra (Gomes, 2002, p. 77), o que poderá em parte explicar o facto de se encontrarem tão mal conservadas. A cobertura seria de telhão, bem representado à superfície e no enchimento de dezanove fossas. Os calhaus de calcário estão por sua vez presentes em todos os enchimentos de fossas, apesar de serem estranhos ao substrato geológico de natureza margosa. A opção por este tipo de material de construção prende-se certamente com a sua presença no local, o edifício assentando, pelo menos parcialmente, sobre uma crista calcária. Se considerarmos a área ocupada por estes derrubes e pelo muro m1SE, verifica-se que a área habitacional seria bastante pequena, nunca superior a 200 m². A localização e a orientação sensivelmente E/O do muro sugere que o edifício se encostava ou cobria parcialmente a crista calcária, orientando-se no sentido do seu comprimento. É interessante verificar que as fossas mais profundas parecem dispor-se em meia-lua em volta dessa área, onde se verifica apenas a ocorrência de fossas elipsoidais (F4, F12, F13 e F14), pouco profundas, das quais

não conhecemos a respectiva funcionalidade. O mapa de dispersão de materiais de superfície (Fig. 4) não regista nenhuma concentração evidente de cerâmica neste local, como se verificava, por exemplo, na prospecção realizada no sítio medieval/moderno do Cotifo 3 (Silva, 2001). A possível recuperação do telhão posterior ao abandono do sítio, referida anteriormente, poderá explicar esta ausência uma vez que constitui geralmente o grosso das densidades de cerâmica observadas.

Como já referimos anteriormente, os resultados da prospecção de superfície sugerem que a área de actividade preferencial dos ocupantes deste sítio se situaria para sul da área construída, verificando-se apenas valores residuais de densidades de cerâmica nas restantes direcções. A leitura do mapa da distribuição dos materiais de construção por fossa confirma em grande parte essa hipótese, uma vez que a maior parte delas se encontram nessa direcção e que as poucas fossas situadas mais a nascente (F1, F3, F10 e F15), proporcionaram o achado de pouca ou nenhuma cerâmica doméstica comum nem continham telhão nos seus respectivos enchimentos (Fig. 12). Nesse sentido, a omnipresença de calhaus no enchimento das fossas não é significativa, uma vez que permitiu a descoberta da totalidade das fossas aqui apresentadas e porque pode simultaneamente ser explicada como um meio de entulhamento voluntário ou, pelo contrário, como preenchimento por gravidade resultando do desmantelamento progressivo das estruturas pétreas que integravam o estabelecimento, após o seu abandono. A localização da área preferencial para sul do edifício sugere que fosse essa a orientação da sua fachada principal, gozando assim de uma boa exposição solar. Nessa direcção, na proximidade imediata do edifício, foram abertas a maioria das fossas que temos vindo a descrever, interpretadas como silos e possíveis fornos. A extensa área ocupada por estas estruturas pode ajudar a entender a exiguidade dos espaços cobertos, uma vez que o armazenamento dos produtos cultivados e grande parte das actividades desenvolvidas pelos habitantes do assentamento se efectuariam ao ar livre. Este modelo é aceitável numa região onde o clima é ameno e as precipitações são pouco acentuadas (Gomes, 2002, p. 57). O prolongamento para sul, para além do espaço ocupado por estas estruturas, da mancha de densidades de cerâmica significativas deixa entender que a área de actividade preferencial se estenderia para além das imediações do espaço construído. As actividades aí desenvolvidas não deixaram, porém, qualquer tipo de vestígio arqueológico para além dos materiais recolhidos à superfície. Voltando à questão da implantação dos silos fora do espaço coberto, é pertinente observar que existem paralelos etnográficos deste tipo de organização do espaço na África do Norte, onde as *matmorras* formam conjuntos por vezes importantes, separados entre si por cerca de 3/4 m, distanciados da casa do *fellah* cerca de 10/20 m (Sigaut, 1978, p. 117). A razão que leva os cultivadores a construir os silos fora da casa prende-se com a vontade de não permitir às mulheres, cuja autoridade não tem “jurisdição” fora da casa, o acesso ao cereal armazenado nos silos sem a prévia autorização dos maridos (Sigaut, 1978, p. 40).

A localização do bebedouro numa área periférica para nascente da área de actividade preferencial justifica-se provavelmente pela intenção de afastar o gado das estruturas situadas frente ao espaço coberto, de modo a que as movimentações de animais não prejudiquem o decorrer das actividades aí desenvolvidas, nem a integridade física dessas estruturas. É provável ter existido nesse local uma cerca ou algum pequeno estábulo em materiais precípeis, que não deixou vestígios, onde pernoitava o gado.

Em modo de conclusão, podemos dizer que existiu em Barradas um assentamento rural, bastante modesto, fundado no período emiral, cuja ocupação se prolongou até ao período califal, sendo abandonado no decorrer do século XI. Trata-se certamente de uma exploração de carácter familiar, de tipo quinta (Gomes, 2002, p. 141), cuja subsistência era garantida pela prática

da agricultura, da pastorícia e pela exploração dos recursos locais. Este tipo de assentamentos é ainda muito mal conhecido no Sul de Portugal, uma vez que ainda não despertou a atenção dos investigadores especialistas neste período, actualmente mais interessados no estudo de contextos urbanos, militares ou de assentamentos rurais mais significativos como as alcarias.

A predominância das cerâmicas de tradição tardo-romanas e visigóticas na cultura material do início dessa ocupação sugere que o assentamento foi fundado por populações moçárabes, que se aculturaram progressivamente, como o deixa entender a integração de formas e decorações tipicamente islâmicas no repertório cerâmico da fase final dessa ocupação. A causa do abandono deste sítio no século XI fica por desvendar. É tentador relacioná-lo com a grande instabilidade que caracteriza a transição do período califal para o período das taifas.

Nomenclatura

IDENTIF. – *identificação da peça*

N.º (número de inventário de 1 a 165)

Fos. (número de fossa de 1 a 37)

Sd. (designação da sondagem de A a V)

U.E. (unidade estratigráfica)

NOM. – *nomenclatura das formas*

Tipo (tipo de peça):

(0) - formas indeterminadas; (1) - panelas de uma asa ou grandes púcaras; (2) - panelas de duas asas; (3) - sertãs ou frigideiras; (4) - pratos fundos ou grandes malgas (saladeiras) não vidradas; (5) - tigelas ou malgas vidradas; (6) - caçoilas vidradas; (7) - pequenas tigelas ou taças vidradas; (8) - pucarinhas ou jarrinhas; (9) - púcaros ou pucarinhos (10) - infusas, cantarinhas ou bilhas; (11) - jarros e jarrinhos com bico no bordo; (12) - potes; (13) - talhas; (14) - cântaros; (15) - pequenas bilhas, galhetas ou alcuças; (16) - alguidares; (17) - vasos de quarto; (18) - tampas ou testos; (19) - candeias; (20) - fogareiros; (21) - tripodes; (22) - alca-truzes; (23) - bocais de poço; (24) - bules e aguamanis; (25) - tambores; (26) - almofarizes; (27) - escudelas; (28) - pratos com lábio desenvolvido; (29) - peças de jogo (malhas); (30) - vasos.

MORFOLOG. – *morfologia da peça*

Br. (bordo)

(0) - fragmento sem bordo; (1) - com lábio direito ou bordo boleado sem inflexão; (2) - em bisel; (3) - adelgaçante; (4) - inflexão com espessamento interno; (5) - inflexão com espes-

samento externo; (6) - triangular; (7) - em semicírculo; (8) - com espessamento interno e externo; (9) - lábio com uma inflexão interna sem ressalto; (10) - lábio com ressalto externo; (11) - lábio boleado com inflexão externa sem ressalto; (12) - bordo esvasado com ressalto; (13) - repuxado em aba oblíqua; (14) - com lábio em aba plana; (15) - lábio com duas inflexões, interna e externa; (16) - bordo em gola com caneluras; (17) - bordo com lábio em barbeta.

Cl. (colo)

(0) - fragmento sem colo; (1) - colo cilíndrico; (2) - colo esvasado; (3) - colo cónico; (4) - colo com curvatura convexa; (5) - colo com curvatura côncava alongada; (6) - colo curto de perfil côncavo; (7) - colo com curvatura descontínua; (8) - colo em gola, com ou sem caneluras.

Pr. (parede do corpo)

(0) - fragmento sem parede do corpo; (1) - paredes rectilíneas divergentes ou corpo troncocónico; (2) - paredes rectilíneas convergentes ou corpo cónico; (3) - paredes rectilíneas paralelas ou corpo cilíndrico; (4) - paredes côncavas divergentes; (5) - paredes côncavas convergentes; (6) - paredes com curvatura côncava; (7) - paredes convexas divergentes; (8) - paredes convexas convergentes; (9) - paredes de curvatura convexa ou corpo globular; (10) - paredes com corpo carenado; (11) - paredes rectilíneas, de corpo plano ou em disco.

Fd. (fundo)

(0) - fragmento sem fundo; (1) - fundo plano; (2) - fundo convexo; (3) - fundo côncavo; (4) - fundo cónico ou pontiagudo; (5) - fundo em mamilo; (6) - fundo plano com base desenvolvida; (7) - fundo levemente abaulado com base saliente; (8) - fundo com pé em disco; (9) - fundo com pé anelar.

Asa

(0) - fragmento sem asa; (1) - asa de secção oval; (2) - asa aplanada; (3) - asa com caneluras longitudinais; (4) - asa de secção circular; (5) - asa com mamilo; (6) - asa dupla colada; (7) - asa horizontal; (8) - asa torcida com caneluras oblíquas; (9) - asa com estrangulamento longitudinal; (10) - asa oca ou perfurada; (11) - asa de orelha; (12) - pseudo asa ou pequena pega horizontal.

B. (bico)

(0) - sem bico; (1) - bico tubular; (2) - bico trilobado; (3) - bico rectangular; (4) - bico repuxado ou em pinça; (5) - bico fusiforme; (6) - bico apontado.

PASTA - características da pasta

Text. (textura)

(1) - pasta homogénea; (2) - pasta pouco homogénea; (3) - pasta grosseira ou heterogénea e (4) - pasta muito fina.

CNP (componentes não plásticos)

(1) - grãos finos; (2) - grãos muito finos, raros e pouco visíveis a olho nu; (3) - grãos finos e médios; (4) - grãos médios e grossos.

Cp. (cor da pasta relacionada com código *Munsell Soil Color Charts*, 1975)

(1) - negro ou cinzento muito escuro, que varia nos tons Munsell 2.5YR 2.5/0, 3/0 e 4/0; 5YR2.5/1 e 3/1; 7.5YR2/0, 3/0 e 4/0. (2) - cinzento acastanhado, correspondente a Munsell 5YR4/2 e 10YR3/2. (3) - castanho de tonalidade ocre escuro, Munsell 5YR 5/2, 5/3; 7.5YR 5/2 e 5/4; IOYR 4/3 e 5/3. (4) - castanho avermelhado, integrando-se maioritariamente em Munsell 2.5YR4/4, 4/6 e 5/6. (5) - castanho alaranjado, associado às tonalidades Munsell 5YR5/6, 5/8, 6/6 e 6/8 e, mais raramente, a 7.5YR 6/6 e 6/8. (6) - castanho claro ou creme amarelado, indicado principalmente pelas tonalidades Munsell 10YR 6/3, 6/4, 7/3, 7/4. (7) - alaranjado muito claro ou rosado, correspondente a Munsell 5YR8/2; 7.5YR8/2 e 8/4. (8) - creme claro esbranquiçado, Munsell 5YR8/1; 10YR8/1 e 8/2; 2.5Y8/2. (9) - pasta com núcleo cinzento e castanho de várias tonalidades junto da superfície.

SUPERF. - características das superfícies**Ti.** (tratamento interno) e **Te.** (tratamento externo)

(1) - rugosas; (2) - alisadas; (3) - espatuladas; (4) - brunidas; (5) - com engobe, interno ou externo; (6) - com engobe e espatulado interno ou externo; (7) - com vidrado externo; (8) - com vidrado interno; (9) - com pintura a cru ou sobre engobe.

Ci. (cor interna) e **Ce.** (cor externa), ambas relacionadas com código *Munsell Soil Color Charts*, 1975)

(1) cinzento escuro; (2) - castanho de tonalidade ocre escuro; (3) - castanho avermelhado; (4) - castanho alaranjado; (5) - creme amarelado; (6) - creme rosado; (7) - esbranquiçado; (8) - vidrado verde; (9) - vidrado amarelo claro esverdeado; (10) - melado; (11) - melado escuro acastanhado; (12) - vidrado branco, por vezes irisado; (13) - vidrado transparente sobre engobe esbranquiçado ou amarelado.

DECOR. - decoração**Téc.** (técnica utilizada)

(0) sem decoração; (1) - pintura a cru; (2) - pintura monocroma sobre engobe; (3) - pintura monocroma sobre vidrado; (4) - decoração a verde e manganés; (5) - pingos de vidrado sobre superfícies não vidradas; (6) - decoração em corda seca parcial; (7) - corda seca total; (8) - decoração incisa sobre superfícies não vidradas; (9) - incisa sob vidrado; (10) - estampilhada a cru; (11) - estampilhada sob vidrado; (12) - cordões plásticos a cru; (13) - cordões plásticos em vidrado; (14) - em relevo a cru; (15) - em relevo sob vidrado; (16) - decoração impressa com corda; (17) - decoração em caneluras.

Tema (padrões decorativos)

(0) - sem decoração; (1) - tema indeterminado; (2) - dedadas de pintura a cru; (3) - decoração geométrica; (4) - decoração zoomórfica; (5) - decoração epigráfica; (6) - decoração vegetalista/floral; (7) - círculos e segmentos de círculos; (8) - séries de bandas e traços de pintura a cru; (9) - decoração incisa em ziguezague ou em ondulado; (10) - sulcos concêntricos; (11) - cordões plásticos; (12) - palmetas estampilhadas; (13) - incisões sobre molduras ou caneluras.

Loc. (localização da decoração)

(0) - sem decoração; (1) - na superfície interna; (2) na superfície externa; (3) - na superfície interna e externa; (4) - no colo; (5) - no colo e bojo; (6) - no bordo e bojo; (7) - no bojo; (8) - no bordo; (9) - na asa; (10) - no bordo, colo e bojo; (11) - no bordo e colo; (12) - na asa e bojo; (13) - no ombro; (14) - no colo e ombro; (15) - no bordo e ombro.

FABR. - *fabrico***Coz.** (tipo de cozedura)

(1) - cozedura oxidante; (2) - cozedura redutora; (3) - cozedura irregular; (4) - cozedura oxidante com arrefecimento redutor; (5) - cozedura redutora com arrefecimento oxidante.

Téc. (técnica utilizada)

(1) - manual / torno baixo de rotação intermitente; (2) - torno alto irregular, com marcas dos dedos do oleiro; (3) - torno alto de rotação regular; (4) - a molde.

DIMENSÕES (*em cm*)

D.B. (diâmetro de bordo)

D.F. (diâmetro de fundo)

E.B. (espessura de bordo)

E. F. (espessura de fundo)

E.P. (espessura de parede do bojo)

E.A. (espessura de asa)

CRON. - *cronologia da peça*

A cronologia das peças foi definida através de paralelos com peças semelhantes provenientes de outras intervenções arqueológicas, objecto de publicação, cujos estratos arqueológicos foram datados de forma segura.

(0) - cronologia indeterminada; (1) - período calcolítico; (2) - período romano; (3) - período visigótico; (4) - período emiral; (5) - período califal; (6) - período emiral/califal.

Inventário do material cerâmico de Barradas

IDENTIF.				NOM.	MORFOLOG.					PASTA			SUPERF.				DECOR.			FABR.		DIMENSOES						CRON.	FIG.		
N.º	Fos.	Snd.	U.E.	Tipo	Br.	Cl.	Pr.	Fd.	Asa	B.	Text.	CNP	Cp.	Ti.	Te.	Ci.	Ce.	Téc.	Tema	Loc.	Coz.	Téc.	D.B.	D.F.	E.B.	E.F.	E.P.	E.A.			
1	2	B	2	1	11	1	9	0	0	0	3	4	1	2	2	1	1	8	4	15	2	1	0	0	7	0	6	0	4	-	
2	2	B	2	16	1	0	1	0	0	0	2	3	5	4	2	4	4	0	0	0	1	1	0	0	10	0	12	0	5	20	
3	2	B	2	0	0	0	0	0	1	0	2	1	7	2	2	4	4	1	8	9	1	3	0	0	0	0	0	17	6	-	
4	8	E	5	7	1	0	9	0	0	0	3	4	5	2	2	4	14	0	0	0	1	1	0	0	6	0	7	0	1	-	
5	8	E	5	4	1	0	2	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	16	0	13	0	1	-	
6	8	E	5	4	1	0	2	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	11	0	7	0	1	13	
7	8	E	5	4	14	0	2	0	0	0	3	4	5	2	2	14	14	0	0	0	1	1	0	0	25	0	10	0	1	-	
8	8	E	5	7	1	0	9	0	0	0	3	4	5	2	2	4	4	0	0	0	1	1	0	0	10	0	10	0	1	-	
9	8	E	5	7	1	0	9	0	0	0	3	4	5	2	2	14	4	0	0	0	1	1	0	0	7	0	8	0	1	-	
10	8	E	5	7	1	0	9	0	0	0	3	4	5	2	2	4	4	0	0	0	1	1	0	0	9	0	8	0	1	-	
11	8	E	5	7	1	0	9	0	0	0	3	4	5	2	2	4	4	0	0	0	1	1	0	0	8	0	8	0	1	-	
12	8	E	5	7	1	0	9	0	0	0	3	4	5	2	2	4	4	0	0	0	1	1	0	0	8	0	10	0	1	-	
13	8	E	5	7	1	0	9	0	15	0	3	4	5	2	2	14	14	0	0	0	1	1	0	0	7	0	8	0	1	-	
14	8	E	5	4	1	0	2	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	7	0	10	0	1	-	
15	8	E	5	7	1	0	9	0	15	0	3	4	5	2	2	14	14	0	0	0	1	1	0	0	9	0	10	0	1	-	
16	8	E	5	7	1	0	9	0	15	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	6	0	8	0	1	-	
17	8	E	5	7	1	0	9	0	15	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	5	0	8	0	1	-	
18	8	E	5	7	1	0	9	0	15	0	3	4	5	2	2	14	14	0	0	0	1	1	0	0	9	0	10	0	1	13	
19	8	E	5	7	1	0	9	0	15	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	8	0	7	0	1	-	
20	8	E	5	4	1	0	2	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	7	0	9	0	1	-	
21	8	E	5	7	1	0	9	0	0	0	3	4	5	2	2	14	14	0	0	0	1	1	170	0	10	0	0	0	1	13	
22	8	E	5	7	1	0	9	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	8	0	9	0	1	-	
23	8	E	5	4	1	0	2	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	8	0	9	0	1	13	
24	8	E	5	7	1	0	9	0	15	0	3	4	5	2	2	14	14	0	0	0	1	1	0	0	10	0	7	0	1	-	
25	8	E	5	7	1	0	9	0	15	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	8	0	9	0	1	-	
26	8	E	5	4	1	0	2	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	8	0	12	0	1	-	
27	9	I	2	4	6	0	0	0	0	0	1	2	5	2	2	4	4	8	13	6	1	4	0	0	7	0	0	0	3	14	
28	11	G	2	1	0	0	1	0	0	0	3	4	2	2	2	4	1	8	9	7	2	1	0	0	0	0	11	0	3	15	
29	11	G	2	30	1	2	9	0	0	0	3	4	2	2	2	1	1	0	0	0	2	1	0	0	9	0	7	0	1	-	
30	11	G	2	1	1	0	0	0	0	0	3	4	1	2	2	1	1	0	0	0	2	1	0	0	8	0	6	0	4	-	
31	11	G	2	1	11	1	9	0	0	0	3	4	2	2	2	1	1	0	0	0	2	1	160	0	7	0	10	0	4	15	
32	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	7	1	3	0	0	0	4	0	4	0	6	-
33	12	E	8	0	1	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	16	1	3	0	0	4	0	5	0	6	-	
34	12	E	8	14	0	0	9	0	0	0	2	1	5	2	2	4	4	1	7	7	1	3	0	0	0	0	6	0	6	-	
35	12	E	8	14	0	0	9	0	0	0	2	1	5	2	2	4	4	1	7	7	1	3	0	0	0	0	8	0	6	-	
36	12	E	8	0	0	0	0	0	13	0	2	1	9	2	2	4	4	1	8	9	5	3	0	0	0	0	0	13	6	-	
37	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	1	8	2	2	6	6	1	8	7	1	3	0	0	0	0	5	0	6	-	
38	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	2	2	14	14	1	8	7	2	3	0	0	0	0	4	0	6	-	
39	12	E	8	0	10	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	6	6	1	8	8	1	3	0	0	4	0	4	0	6	-	
40	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	7	1	3	0	0	0	0	4	0	6	-	
41	12	E	8	0	1	0	0	0	1	0	1	1	7	2	2	6	6	1	8	9	1	3	0	0	7	0	0	11	6	-	
42	12	E	8	8	0	1	9	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	2	5	1	3	0	0	0	0	4	0	6	-	
43	12	E	8	0	1	0	0	0	1	0	2	3	2	2	2	14	14	1	8	9	2	3	0	0	8	0	0	14	6	16	
44	12	E	8	0	0	0	9	0	0	0	1	2	7	2	2	7	7	1	3	7	1	3	0	0	0	0	5	0	5	17	
45	12	E	8	0	1	0	0	0	0	0	1	2	7	2	2	7	7	1	3	8	1	3	0	0	4	0	5	0	5	17	
46	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	1	9	2	2	7	7	1	3	7	1	3	0	0	0	0	5	0	5	17	
47	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	1	5	2	2	6	6	1	8	7	1	3	0	0	0	0	4	0	6	-	
48	12	E	8	8	1	1	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	16	1	3	0	0	5	0	4	0	6	-	
49	12	E	8	26	0	0	0	1	0	0	3	4	2	2	2	1	1	0	0	0	2	1	0	0	0	13	0	0	0	-	
50	12	E	8	26	0	0	0	1	0	0	3	4	5	2	2	14	4	0	0	0	1	1	0	0	0	19	0	0	0	15	
51	12	E	8	7	1	0	9	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	14	0	15	0	1	-	
52	12	E	8	14	1	1	0	0	0	0	2	3	5	2	2	4	4	0	0	0	1	1	160	0	7	0	5	0	0	-	
53	12	E	8	11	0	1	0	0	1	0	2	3	5	2	2	4	4	1	8	4	1	3	0	0	0	0	4	12	6	-	
54	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	7	1	3	0	0	0	0	5	0	6	-	
55	12	E	8	0	1	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	8	1	3	0	0	4	0	5	0	6	-	
56	12	E	8	0	1	1	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	8	1	3	0	0	4	0	4	0	6	-	
57	12	E	8	0	10	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	8	1	3	0	0	5	0	4	0	6	-	
58	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	1	5	2	2	6	6	1	8	7	1	3	0	0	0	0	5	0	6	-	
59	12	E	8	8	1	0	0	0	4	0	1	1	7	2	2	6	6	1	8	17	1	3	0	0	4	0	0	14	6	-	
60	12	E	8	8	10	1	0	0	0	0	1	2	7	2	2	6	6	1	8	16	1	3	0	0	4	0	4	0	6	-	
61	12	E	8	0	0	0	0	0	0	0	1	1	8	2	2	7	7	1	8	7	1	3	0	0	0	0	4	0	5	16	
62	12	E	8	0	1	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1													

IDENTIF. N.º	Fos.			Snd.	U.E.	NOM. Tipo	MORFOLOG.					PASTA			SUPERF.				DECOR.			FABR.		DIMENSOES						CRON.	FIG		
	Br.	Cl.	Pr.				Fd.	Asa	B.	Text.	CNP	Cp.	Ti.	Te.	Ci.	Ce.	Téc.	Tema	Loc.	Coz.	Téc.	D.B.	D.F.	E.B.	E.F.	E.P.	E.A.						
82	22	F	2	7			1	0	9	0	0	0	3	4	2	2	2	14	14	0	0	0	2	1	0	0	9	0	11	0	1	13	
83	23	F	3	0			0	0	0	0	0	0	1	2	5	5	5	3	3	14	3	7	1	4	0	0	0	0	6	0	2	14	
84	24	E	12	1			11	1	9	0	0	0	3	4	2	2	2	1	1	8	4	15	2	1	115	0	6	0	8	0	4	15	
85	24	E	12	1			11	1	9	0	0	0	3	4	1	2	2	1	1	8	4	15	2	1	0	0	6	0	7	0	4	-	
86	24	E	12	1			10	1	9	0	0	0	3	4	1	2	2	1	1	8	4	15	2	1	112	0	6	0	7	0	4	15	
87	24	E	12	1			11	1	9	0	0	0	3	4	1	2	2	1	1	8	4	15	2	1	90	0	7	0	6	0	4	-	
88	24	E	12	1			0	0	9	1	1	0	3	4	2	2	2	1	1	0	0	0	2	1	0	8	0	6	4	8	4	15	
89	24	E	12	1			0	0	9	1	0	0	3	4	1	2	2	1	1	0	0	0	2	1	0	10	0	6	7	0	4	-	
90	24	E	12	1			11	1	9	0	0	0	3	4	2	2	2	1	1	0	0	0	2	1	0	0	8	0	7	0	4	-	
91	24	E	12	15			0	1	9	0	0	0	3	4	5	2	2	4	4	0	0	0	1	1	0	0	0	0	11	0	3	19	
92	24	E	12	1			11	1	9	0	0	0	3	4	5	2	2	4	1	8	4	15	1	1	0	0	6	0	7	0	4	-	
93	24	E	12	1			11	1	9	0	0	0	3	4	1	2	2	1	1	8	4	15	2	1	0	0	8	0	9	0	4	-	
94	24	E	12	1			11	2	9	0	0	0	3	4	1	1	1	1	1	0	0	0	2	1	0	0	7	0	6	0	4	-	
95	25	E	11	19			0	0	0	0	0	1	1	2	8	2	2	5	5	0	0	0	1	3	0	0	0	0	13	0	4	21	
96	25	E	11	9			11	2	9	1	1	0	3	4	5	2	2	4	1	0	0	0	1	1	84	7	6	4	5	8	4	17	
97	26	E	6	30			1	0	9	0	0	0	3	4	2	2	2	1	4	0	0	0	2	1	0	0	5	0	10	0	1	13	
98	26	E	6	1			10	1	9	0	0	0	3	4	5	2	2	4	1	8	4	15	1	1	140	0	8	0	5	0	4	-	
99	28	E	4	1			11	1	9	0	0	0	3	4	5	2	2	1	1	0	0	0	1	1	140	0	7	0	8	0	4	-	
100	29	D	10	14			0	1	9	1	13	0	2	3	5	2	2	4	4	0	0	0	1	3	0	130	0	4	7	12	0	19	
101	29	D	10	9			0	0	9	1	0	0	3	4	1	2	2	1	1	0	0	0	2	1	0	8	0	6	7	0	4	-	
102	29	D	10	8			1	1	0	0	0	0	1	2	2	2	2	7	7	1	8	16	1	3	110	0	4	0	5	0	6	16	
103	29	D	10	8			0	0	0	0	0	0	1	2	7	2	2	6	6	1	2	7	1	3	0	0	0	0	4	0	6	-	
104	29	D	10	12			0	0	9	0	0	0	2	1	5	2	2	4	1	1	7	7	1	3	0	0	0	0	8	0	4	18	
105	29	D	10	14			6	1	0	0	0	0	1	1	5	2	2	2	2	1	8	16	1	3	140	0	10	0	4	0	6	-	
106	29	D	10	8			1	1	0	0	0	0	2	1	2	2	2	1	1	1	2	16	2	3	80	0	5	0	3	0	6	-	
107	29	D	10	1			11	1	9	0	0	0	3	4	2	2	2	4	1	0	0	0	2	1	150	0	8	0	6	0	4	-	
108	29	D	10	14			5	1	9	0	0	0	2	3	5	2	2	4	2	0	0	0	1	3	115	0	5	0	3	0	0	-	
109	29	D	10	14			0	0	0	0	2	0	2	1	9	2	2	5	5	1	8	9	5	3	0	0	0	0	0	0	12	6	19
110	29	D	10	12			11	2	9	1	0	0	3	4	5	2	2	4	4	0	0	0	1	1	140	12	6	13	10	0	0	18	
111	29	D	10	1			11	1	9	0	13	0	3	4	1	2	2	1	1	8	4	5	2	1	120	0	5	0	4	13	4	15	
112	29	D	10	1			11	2	9	1	13	0	3	4	2	2	2	1	1	0	0	0	2	1	140	13	7	8	10	11	4	15	
113	29	D	10	0			0	0	0	0	0	0	1	1	8	2	2	7	7	1	3	7	1	3	0	0	0	0	4	0	4	16	
114	29	D	10	5			1	0	6	0	0	0	1	2	8	8	7	9	9	3	14	1	1	3	0	0	5	4	7	0	5	21	
115	29	D	10	8			1	1	9	0	0	0	2	1	5	2	2	4	4	1	2	10	1	3	70	0	7	0	4	0	6	16	
116	29	D	10	16			11	0	1	0	0	0	3	4	5	2	2	6	1	0	0	0	1	2	0	0	14	0	16	0	4	20	
117	29	D	10	16			18	0	1	0	0	0	3	4	5	2	2	4	1	8	9	1	1	1	240	0	20	0	15	0	3	20	
120	30	D	5	14			0	0	9	0	0	0	1	1	8	2	2	7	7	1	8	7	1	3	0	0	0	0	6	0	6	-	
121	30	D	5	8			10	1	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	16	1	3	0	0	4	0	4	0	6	-	
122	30	D	5	8			0	1	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	14	1	3	0	0	0	0	4	0	6	-	
123	30	D	5	14			6	1	0	0	0	0	1	1	8	2	2	7	7	1	8	16	1	3	75	0	7	0	3	0	6	19	
124	30	D	5	14			0	1	9	0	1	0	1	1	8	2	2	7	7	1	8	12	1	3	0	0	0	0	6	8	6	19	
125	30	D	5	16			5	0	1	0	0	0	3	4	5	2	2	4	1	0	0	0	1	2	0	0	21	0	13	0	4	20	
126	30	D	5	16			5	0	1	0	0	0	3	4	5	2	2	4	1	0	0	0	1	2	0	0	20	0	13	0	4	-	
127	32	Q	2	9			11	2	9	2	0	0	3	4	2	2	2	1	1	0	0	0	2	1	90	6	5	6	5	0	4	17	
128	33	N	2	14			11	1	9	0	0	0	2	3	5	2	2	4	4	8	9	7	1	1	160	0	11	0	5	0	3	19	
131	33	N	2	14			10	1	0	0	0	0	2	3	2	2	2	4	4	0	0	0	2	3	130	0	11	0	6	0	0	-	
132	33	N	2	0			0	0	0	0	4	0	1	1	6	2	2	5	5	1	8	9	1	3	0	0	0	0	0	0	13	6	16
133	33	N	2	8			1	1	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	16	1	3	0	0	4	0	4	0	4	16	
134	33	N	2	0			0	0	0	0	0	0	1	2	7	2	2	6	6	1	8	7	1	3	0	0	0	0	5	0	6	-	
135	33	N	2	0			0	0	0	0	1	0	1	1	7	2	2	6	6	1	8	9	1	3	0	0	0	0	0	0	14	6	-
136	33	N	2	8			0	0	9	0	0	0	2	1	5	2	2	4	4	1	2	7	1	3	0	0	0	0	4	0	6	-	
137	33	N	2	7			1	0	9	0	15	0	3	4	5	2	2	4	4	0	0	0	1	1	0	0	9	0	10	0	1	-	
138	34	O	2	0			0	0	0	0	1	0	1	1	7	2	2	14	14	1	8	9	1	3	0	0	0	0	0	9	6	-	
139	34	O	2	8			0	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	3	7	1	3	0	0	0	0	5	0	6	-	
140	34	O	2	8			0	0	0	0	0	0	1	2	8	2	2	7	7	1	8	7	1	3	0	0	0	0	5	0	6	-	
141	34	O	2	8			1	0	0	0	4	0	1	1	8	2	2	7	7	1	8	17	1	3	0	0	5	0	4	9	6	-	
142	27	D	2	0			1	0	0	0	0	0	1	2	5	8	7	1	10	3	14	6	1	3	0	0	6	0	6	0	0	-	
143	34	O	2	0			0	0	2	0	0	0	2	3	5	2	2	6	6	8	9	7	1	3	0	0	0	0	7	0	0	-	
144	34	O	2	8			0	0	10	0	0	0																					

Agradecimentos

Um trabalho desta envergadura pressupõe a existência de uma vasta equipa que, para além dos autores, quer no campo quer no gabinete, tudo fez para que todas as actuações se desenrolassem com êxito. Para todos eles a expressão do nosso sincero agradecimento:

Trabalhos de campo: Sara Oliveira Almeida, Carla S. Alçada Alegria Ribeiro, António Medeiros, Carla Campos, Sofia Medeiros, Vanessa da Serra e Sousa, Liliana Gonçalves Pereira (licenciados em História, variante Arqueologia pelo Instituto de Arqueologia da FLUC) e trabalhadores não especializados disponibilizados pela Vialscut.

Tintagem da informação gráfica: Mónica Domingues Ginja (licenciada em História, variante Arqueologia pelo Instituto de Arqueologia da FLUC).

Desenho de materiais arqueológicos: Mónica Domingues Ginja, Sara Oliveira Almeida, Liliana Gonçalves Pereira.

Tratamento do material cerâmico: António Domingues Ginja, Liliana Gonçalves Pereira, José Ricardo da Silva Nóbrega e Maria João da Silva Simões Ângelo.

Tratamento do material metálico: Manuel António Matias (licenciado em Restauro e Conservação dos Materiais, pelo IPT).

Queremos igualmente expressar a nossa especial gratidão ao Prof. Doutor Jorge de Alarcão, à Doutora Raquel Vilaça, à Doutora Helena Catarino e ao Dr. Pedro Carvalho pela consultadoria técnico-científica, ao Dr. José Luís Madeira pelo desenho de alguns materiais arqueológicos, ao Dr. Miguel Pessoa pelo estudo do material numismático e à Dr.^a Sónia Cristina Fialho Codinha pelo estudo do material antropológico.

Refira-se ainda que a concretização desta intervenção só foi possível graças ao bom entendimento com a Vialscut A.C.E. (em especial ao Director da Obra Eng. José Vinciana) e a Amb & Veritas, Lda. (em especial à arqueóloga Dra. Margarida Monteiro) e ao financiamento por parte do Instituto de Estradas de Portugal.

NOTAS

¹ Arqueólogo, sócio-gerente da empresa AMS – Análise e Consultadoria Arqueológica Lda.
Rua da Escola S/N. Casal do Lobo
3030-143 Coimbra
Telem.: 96 625 15 08; Tel./Fax: 239 721 094
e-mail: amsarqueologia@sapo.pt.

² Arqueólogo, e-mail: ricardo_silva78@hotmail.com.

³ Os trabalhos efectuaram-se no quadro do plano de minimização do impacto arqueológico da construção do IC4, Lanço Lagos-Lagoa, empreendimento da responsabilidade da empresa

VIALSCUT A. C. E., sendo financiados pelo Instituto de Estradas de Portugal. A responsabilidade científica da intervenção foi assumida pelos signatários, no quadro da empresa POST QUEM – Análise e Consultadoria Arqueológica Ld.^a, hoje dissolvida e da qual um dos signatário (AJMS) era, nessa altura, sócio-gerente. Os trabalhos foram adjudicados a esta empresa em regime de sub-contratação pela empresa Amb & Veritas – Ambiente, Qualidade e Formação Ld.^a, responsável pelo acompanhamento arqueológico e ambiental do empreendimento em análise.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. de; ÉTIENNE, R., eds. (1975) - *Fouilles de Conimbriga. Vol.5 : La céramique commune locale et régionale*. Paris: De Boccard.

ALARCÃO, J. de; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris: De Boccard.

- ALBA, M.; FEIJOO, S. (2001) - Cerâmica emiral de Mérida. In *GARB - Sítios islâmicos do Sul peninsular*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 329-376.
- AMB e VERITAS (2000) - Prospecção arqueológica - Memória descritiva, Relatório final de impacte ambiental IC4 - Lagos/Lagoa, vol. IV, Estoril, Amb e Veritas - Ambiente, Qualidade e Formação Ld.^a, documento policopiado.
- BAZZANA, A. (1979) - Les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de l'Espagne orientale. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid. 15, p. 135-185.
- BOHIGAS ROLDÁN, R.; RUIZ GUTIÉRREZ, A. (1989) - Las cerámicas visigodas de poblado en Cantabria e Palencia. *Boletín de Arqueología Medieval*. Madrid. 3, p. 31-51.
- CABALLERO ZOREDA, L. (1989) - Cerámicas de "Época Visigoda y Post Visigoda" de las Provincias de Cáceres, Madrid y Segovia. *Boletín de Arqueología Medieval*. Madrid. 3, p. 75-107.
- CARANDINI, A. (1996) - *Storie dalla terra: manuale di scavo archeologico*. Torino: Einaudi.
- CASTILLO GALDEANO, F.; MARTÍNEZ MADRID, R. (1993) - Producciones cerámicas en Bayyana. In *La cerámica altomedieval en el sur de al-Andalus*. Granada: Universidad, p. 67-116.
- CATARINO, H. (1997-1998) - O Algarve oriental durante a ocupação islâmica. *Al-'Ulyā*. Loulé. 6:1-3.
- CATARINO, H. (1999-2000) - O Castelo de Salir: escavações da campanha de 1998. *Al-'Ulyā*. Loulé. 7, p. 77-128.
- FASHAM, P. (1986) - Approches de la prospection systématique. In FERDIÈRE, A. ed. - *Actes de la table ronde: La prospection archéologique - Paysage et peuplement, 14 et 15 mai 1982*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, p. 19-28.
- GERRARD, C. (1995) - Prospección arqueológica y cerámica medieval/post-medieval: problemas e modelos. In *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 22 a 25 de Março 1995*. Tondela: Câmara Municipal, p. 137-143.
- GISBERT SANTONJA, J. A. (1990) - Los hornos del alfar islámico de Avda. Montgó/Calle Teulada - Casco urbano de Denia (Alicante). In *Fours de potiers et "Testares" médiévaux en Méditerranée Occidentale*. Madrid: Casa de Velázquez, p. 76-91.
- GOMES, R. V. (2002) - *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental - uma aproximação integrada*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- GONÇALVES, V. S. (1991) - Sítios, "Horizontes" e artefactos: 2. Algumas breves considerações sobre as chamadas taças carenadas e a primeira metade do 3.^o milénio em Portugal. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 10, p. 81-120.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1988) - *Cerámica común paleoandalusi del Sur de Alicante (siglos VII-X)*. Alicante: Caja de Ahorros Provincial.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1993) - La cerámica paleoandalusi del Sureste peninsular (Tudmir): producción y distribución (siglos VII al X). In *La cerámica altomedieval en el Sur de Al-Andalus*. Granada: Universidad, p. 37-65.
- HARRIS, E. C. (1989) - *Principles of archaeological stratigraphy*. London: Academic Press.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.
- JORGE, S. O. (1990) - Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia. In ALARCÃO, J. de, ed. - *Nova História de Portugal. Vol 1: das origens à romanização*. Lisboa: Presença, p. 163-212.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1985) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsarraz*. Lisboa: UNIARCH.
- MARQUES A. H. de O., ed. (1993) - *Nova História de Portugal. Vol. 2: Portugal das invasões germânicas à «Reconquista»*. Lisboa: Presença.
- MATOS, J. L. (2001) - *Fundamentos de informação geográfica*. Lisboa: Lidel.
- NOLEN, J. (1985) - *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1978) - *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe en Mallorca*. Palma de Mallorca: Diputación Provincial de Baleares.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1991) - *El nombre de las cosas en Al-Andalus: una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca: Museu.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1993) - Las cerámicas de primera época: algunas observaciones metodológicas. In *La Cerámica altomedieval en el Sur de Al-Andalus. Primer Encuentro de Arqueología y Patrimonio*. Granada: Universidad, p. 13-35.
- RUIZ ZAPATERO, G.; FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, V. M. (1993) - Prospección de superficie, técnicas de muestreo y recogida de información. JIMENO, A.; VAL, J. M. del; FERNÁNDEZ, J. J., eds. - *Inventarios y cartas arqueológicas. Actas del Homenaje a Blas Taracena. (Soria, 1991)*. Valladolid: Junta de Castilla y León, p. 87-98.
- SIGAUT, F. (1978) - *Les réserves de grains à long terme - technique de conservation et fonctions sociales dans l'Histoire*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.
- SILVA, A. J. M. (2001) - *Intervenção arqueológica preventiva no Cotifo de Baixo 3 (Odiáxere, Lagos)*, relatório n.º 16, Post Quem - Análise e Consultadoria Arqueológica Ld.^a, Coimbra, doc. policopiado.
- SILVA, A. J. M. (2001) - *Intervenção arqueológica preventiva no n.º 19 da rua do Cabido em Coimbra*, relatório n.º 15, Post Quem - Análise e Consultadoria Arqueológica Ld.^a, Coimbra, doc. policopiado.

- SILVA, A. J. M.; LOPES, C.; CARVALHO, P. (1998) - *Relatório dos trabalhos de escavação arqueológica efectuados no monte do Peixoto 1 (Serpa)*. doc. policopiado.
- SILVA, A. L. da; MATEUS, R. (1991) - *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental. Actas do IV Congresso Internacional*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- SILVA, C. T. (1993) - *Calcolítico*. In *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 195-224.
- TORRES, C. (1987) - *Cerâmica islâmica portuguesa*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- VIEGAS, C.; ARRUDA, A. (1999) - *Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 105-186.